

A presente apostila foi elaborada pelos professores José Aldo Camurça (Campus Serra Talhada), Cristiano Dias (Campus Ouricuri) e Gabriel Kafure (Campus Petrolina Zona Rural) e André Ricardo Dias Santos (Campus Petrolina), uma iniciativa do Grupo de Pesquisa Sertão Filosófico, no intuito de fornecer as ferramentas conceituais chave para pensar filosoficamente as questões pertinentes a Filosofia Antiga e Medieval. Assim, o aluno terá um material objetivo e direto para poder pensar por si os problemas filosóficos propostos pelos professores em sala de aula. Desejamos uma boa leitura!



**INSTITUTO
FEDERAL**
Sertão de
Pernambuco
APOSTILA



FILOSOFIA ANTIGA E MEDIEVAL

**JOSÉ ALDO CAMURÇA DE A. NETO
GABRIEL KAFURE DA ROCHA
ANDRÉ RICARDO DIAS SANTOS
CRISTIANO DIAS DA SILVA**





Sumário

Capítulo I -Mito e Filosofia.....	2
Exercícios Propostos.....	5
Capítulo II: Pré-socráticos	10
Exercícios Propostos.....	17
Capítulo III -A filosofia na Pólis e a análise da democracia: Sócrates, Platão e Aristóteles.....	22
Exercícios Propostos.....	28
Capítulo IV: Escolas Helenistas: a transição para a idade média.....	33
Exercícios Propostos.....	38
Capítulo V: Patrística e Escolástica: a Filosofia Medieval através de Santo Agostinho e Tomás de Aquino.....	44
Exercícios Propostos.....	55
Exercícios De Revisão	60
Textos Complementares	65
Vídeos recomendados.....	84
Referências Bibliográficas	85
Glossário	86



Capítulo I -Mito e Filosofia

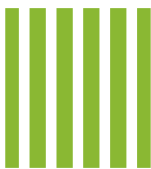
O mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder, etc.).

A palavra mito vem do grego , e deriva de dois verbos: do verbo μυθεύω (contar, narrar, falar alguma coisa para os outros) e do verbo μυθεω (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). Para os gregos, mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa, porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. E essa autoridade vem do fato de que ele ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados.

Quem narra o mito? O poeta-rapsodo. Quem é ele? Por que tem autoridade? Acredita-se que o poeta é um escolhido dos deuses, que lhe mostram os acontecimentos passados e permitem que ele veja a origem de todos os seres e de todas as coisas para que possa transmiti-la aos ouvintes. Sua palavra – o mito – é sagrada porque vem de uma revelação divina. O mito é, pois, incontestável e inquestionável. Como o mito narra a origem do mundo e de tudo o que nele existe?

De três principais maneiras:

1.Encontrando o pai e a mãe das coisas e dos seres, isto é, tudo o que existe decorre de relações sexuais entre forças divinas pessoais. Essas relações geram os demais deuses: os titãs (seres semi-humanos e semidivinos), os heróis (filhos de um deus com uma humana ou de uma deusa com um humano), os humanos, os metais, as plantas, os animais, as qualidades, como quente-frio, seco-úmido, claro-escuro, bom-mau, justo-injusto, belo-feio, certo-errado, etc..



A narração da origem é, assim, uma *genealogia*, isto é, narrativa da geração dos seres, das coisas, das qualidades, por outros seres, que são seus pais ou antepassados.

2. Encontrando uma rivalidade ou uma aliança entre os deuses que faz surgir alguma coisa no mundo. Nesse caso, o mito narra ou uma guerra entre forças divinas ou uma aliança entre elas para provocar alguma coisa no mundo dos homens.

O poeta Homero, na *Iliada*, epopeia que narra a guerra de Tróia, explica por que, em certas batalhas, os troianos eram vitoriosos e, em outras, a vitória cabia aos gregos. Os deuses estavam divididos, alguns a favor de um lado e outros a favor do outro. A cada vez, o rei dos deuses, Zeus, ficava com um dos partidos, aliava-se com um grupo e fazia um dos lados - ou os troianos ou os gregos - vencer a batalha.

A causa da guerra, aliás, foi uma rivalidade entre as deusas. Elas apareceram em sonho para o príncipe troiano Páris, oferecendo a ele seus dons e ele escolheu a deusa do amor, Afrodite. As outras deusas, enciumadas, o fizeram raptar a grega Helena, mulher do general grego Menelau, e isso deu início à guerra entre os humanos.

O mito, narra a origem do mundo e de tudo que existe nele, e a terceira principal maneira de narração mítica é:

3. Encontrando as recompensas ou os castigos que os deuses dão a quem lhes obedece ou a quem lhes desobedece, respectivamente.

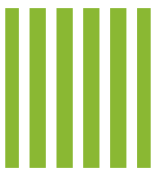
Como o mito narra, por exemplo, o uso do fogo pelos homens? Para os homens, o fogo é essencial, pois com ele se diferenciam dos animais, porque tanto passam a cozinhar os alimentos, a iluminar caminhos na noite, a se aquecer no inverno quanto podem fabricar instrumentos de metal para o trabalho e para a guerra.

Um titã, Prometeu, mais amigo dos homens do que dos deuses, roubou uma centelha de fogo e a trouxe de presente para os homens. Prometeu foi castigado (amarrado num rochedo para que as aves de rapina, eternamente, devorassem seu fígado) e os homens também. Qual foi o castigo dos homens?

Os deuses fizeram uma mulher encantadora,

Pandora, a quem foi entregue uma caixa que conteria coisas maravilhosas, mas que nunca deveria ser aberta. Pandora foi enviada aos humanos e, cheia de





curiosidade e querendo dar a eles as maravilhas, abriu a caixa. Dela saíram todas as desgraças, doenças, pestes, guerras e, sobretudo, a morte. Explica-se, assim, a origem dos males do mundo.

Vemos, portanto, que o mito narra a origem das coisas por meio de lutas, alianças e relações sexuais entre forças sobrenaturais que governam o mundo e o destino dos homens. Como os mitos sobre a origem do mundo são genealogias, diz-se que são **cosmogonias** e **theogonias**.

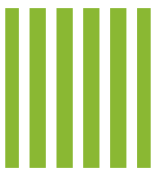
A palavra *gonia* vem de duas palavras gregas: do verbo γεννάω (engendrar, produzir, gerar, fazer nascer e crescer) e do substantivo γενός (nascimento, gênese, descendência, gênero, espécie). *Gonia*, portanto, quer dizer: geração, nascimento a partir da concepção sexual e do parto. *Cosmos*, por sua vez, quer dizer mundo ordenado e organizado. Assim, a cosmogonia é a narrativa sobre o nascimento e a organização do mundo, a partir de forças geradoras (pai e mãe) divinas. *Theogonia* é uma palavra composta de *gonia* e θεός, que, em grego, significa: as coisas divinas, os seres divinos, os deuses. *A theogonia* é, portanto, a narrativa da origem dos deuses, a partir de seus pais e antepassados.

A filosofia, ao nascer, é uma cosmologia, uma explicação racional sobre a origem do mundo e sobre as causas das transformações e repetições das coisas; para isso, ela nasce de uma transformação gradual dos mitos ou de uma ruptura radical com os mitos? Continua ou rompe com a cosmogonia e a theogonia? Duas foram as respostas dadas pelos estudiosos.

A primeira delas foi dada nos fins do século XIX e começo do XX, quando reinava um grande otimismo sobre os poderes científicos e capacidades técnicas do homem. Dizia-se, então, que a filosofia nasceu por uma ruptura radical com os mitos, sendo a primeira explicação científica da realidade produzida pelo Ocidente.

A segunda resposta foi dada a partir de meados do século XX, quando os estudos dos antropólogos e dos historiadores mostraram a importância dos mitos na organização social e cultural das sociedades e como os mitos estão profundamente entranhados nos modos de pensar e de sentir de uma sociedade. Por isso, dizia-se que os gregos, como qualquer outro povo, acreditavam em seus mitos e que a filosofia nasceu, vagarosa e gradualmente, do interior dos próprios mitos, como uma racionalização deles. Atualmente, consideram-se as duas respostas exageradas e afirma-se que a filosofia, percebendo as contradições e limitações dos mitos, foi reformulando e racionalizando as narrativas míticas, transformando-as numa outra coisa, numa explicação inteiramente nova e diferente.





Mas, Quais as principais diferenças entre mito e filosofia?

Podemos apontar três como as mais importantes:

1. O mito pretendia narrar como as coisas eram ou tinham sido no passado imemorial, longínquo e fabuloso, voltando-se para o que era antes que tudo existisse tal como existe no presente. A filosofia, ao contrário, preocupa-se em explicar como e por que, no passado, no presente e no futuro (isto é, na totalidade do tempo), as coisas são como são.
2. O mito narrava através de genealogias e rivalidades ou alianças entre forças divinas sobrenaturais e personalizadas, enquanto a filosofia, ao contrário, explica a produção natural das coisas por elementos e causas naturais e impessoais. O mito falava em Urano, Ponto e Gaia; a filosofia fala em céu, mar e terra. O mito narra a origem dos seres celestes (os astros), terrestres (plantas, animais, homens) e marinhos pelos casamentos de Gaia com Urano e Ponto. A filosofia explica o surgimento desses seres por composição, combinação e separação dos quatro elementos – úmido, seco, quente e frio, ou água, terra, fogo e ar.
3. O mito não se importava com contradições, com o fabuloso e o incompreensível, não só porque esses eram traços próprios da narrativa mítica, como também porque a confiança e a crença no mito vinham da autoridade religiosa do narrador. A filosofia, ao contrário, não admite contradições, fabulação e coisas incompreensíveis, mas exige que a explicação seja coerente, lógica e racional; além disso, a autoridade da explicação não vem da pessoa do filósofo, mas da razão, que é a mesma em todos os seres humanos.

Exercícios Propostos

01- (IFPI-2012) O mito grego é uma narrativa sobre a origem das coisas, fundamentando a ordem do mundo segundo as leis, relações e feitos dos deuses. Sobre o mito, assinale a alternativa **INCORRETA**.



- A) A genealogia é o modo pelo qual o mito narra a geração dos deuses, das coisas, das qualidades, por outros seres que são seus pais ou antepassados.
- B) O mito narra acontecimentos na terra como consequência de alianças e rivalidades entre deuses, a exemplo da Guerra de Troia.
- C) O mito narra a origem das coisas no mundo encontrando recompensas e castigos que os deuses dão aos que os obedecem, ou desobedecem, a exemplo do mito de Prometeu.
- D) Os mitos são cosmologias e teologias, na medida que explicam o surgimento das coisas e dos deuses.
- E) Os mitos são cosmogonias e teogonias, na medida que explicam o surgimento das coisas e dos deuses.

02- (UEL-2003) “Zeus ocupa o trono do universo. Agora o mundo está ordenado. Os deuses disputaram entre si, alguns triunfaram. Tudo o que havia de ruim no céu etéreo foi expulso, ou para a prisão do Tártaro ou para a Terra, entre os mortais. E os homens, o que acontece com eles? Quem são eles?”

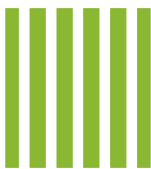
VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. Trad. de Rosa Freire d’Aguaiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 56.

O texto acima é parte de uma narrativa mítica. Considerando que o mito pode ser uma forma de conhecimento, assinale a alternativa correta.

- A) A verdade do mito obedece a critérios empíricos e científicos de comprovação.
- B) O conhecimento mítico segue um rigoroso procedimento lógico-analítico para estabelecer suas verdades.
- C) As explicações míticas constroem-se de maneira argumentativa e autocrítica.
- D) O mito busca explicações definitivas acerca do homem e do mundo, e sua verdade independe de provas.
- E) A verdade do mito obedece a regras universais do pensamento racional, tais como a lei de não-contradição.

03- (UEL-2005) Sobre a passagem do mito à filosofia, na Grécia Antiga, considere as afirmativas a seguir.





I. Os poemas homéricos, em razão de muitos de seus componentes, já contêm características essenciais da compreensão de mundo grega que, posteriormente, se revelaram importantes para o surgimento da filosofia.

II. O naturalismo, que se manifesta nas origens da filosofia, já se evidencia na própria religiosidade grega, na medida em que nem homens nem deuses são compreendidos como perfeitos.

III. A humanização dos deuses na religião grega, que os entende movidos por sentimentos similares aos dos homens, contribuiu para o processo de racionalização da cultura grega, auxiliando o desenvolvimento do pensamento filosófico e científico.

IV. O mito foi superado, cedendo lugar ao pensamento filosófico, devido à assimilação que

os gregos fizeram da sabedoria dos povos orientais, sabedoria esta desvinculada de qualquer base religiosa.

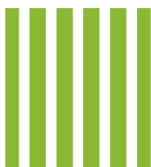
Estão corretas apenas as afirmativas:

- A) I e II.
- B) II e IV.
- C) III e IV.
- D) I, II e III.
- E) I, III e IV.

04- (MOD.ENEM) A mitologia comparada surge no século XVIII. Essa tendência influenciou o escritor cearense José de Alencar, que, inspirado pelo estilo da epopeia homérica na *Iliada*, propõe em *Iracema* uma espécie de mito fundador do povo brasileiro. Assim como a *Iliada* vincula a constituição do povo helênico à Guerra de Troia, deflagrada pelo romance proibido de Helena e Páris, *Iracema* vincula a formação do povo brasileiro aos conflitos entre índios e colonizadores, atravessados pelo amor proibido entre uma índia — *Iracema* — e o colonizador português Martim Soares Moreno. DETIENNE, M. *A invenção da mitologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998 (adaptado). A comparação estabelecida entre a *Iliada* e *Iracema* demonstra que essas obras

- A) combinam folclore e cultura erudita em seus estilos estéticos.
- B) articulam resistência e opressão em seus gêneros literários.
- C) associam história e mito em suas construções identitárias.
- D) refletem pacifismo e belicismo em suas escolhas ideológicas.
- E) traduzem revolta e conformismo em seus padrões alegóricos.





05- (UNESP 2012) Aedo e adivinho têm em comum um mesmo dom de “vidência”, privilégio que tiveram de pagar pelo preço dos seus olhos. Cegos para a luz, eles veem o invisível. O deus que os inspira mostra-lhes, em uma espécie de revelação, as realidades que escapam ao olhar humano. Sua visão particular age sobre as partes do tempo inacessíveis às criaturas mortais: o que aconteceu outrora, o que ainda não é.

Jean-Pierre Vernant. *Mito e pensamento entre os gregos*, 1990. Adaptado.

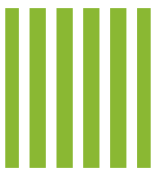
O texto refere-se à cultura grega antiga e menciona, entre outros aspectos,

- a) o papel exercido pelos poetas, responsáveis pela transmissão oral das tradições, dos mitos e da memória.
- b) a prática da feitiçaria, estimulada especialmente nos períodos de seca ou de infertilidade da terra.
- c) o caráter monoteísta da sociedade, que impedia a difusão dos cultos aos deuses da tradição clássica.
- d) a forma como a história era escrita e lida entre os povos da península balcânica.
- e) o esforço de diferenciar as cidades-estados e reforçar o isolamento e a autonomia em que viviam.

06- (IFSP 2011) Comparando-se mito e filosofia, é correto afirmar o seguinte:

- A) A autoridade do mito depende da confiança inspirada pelo narrador, ao passo que a autoridade da filosofia repousa na razão humana, sendo independente da pessoa do filósofo.
- B) Tanto o mito quanto a filosofia se ocupam da explicação de realidades passadas a partir da interação entre forças naturais personalizadas, criando um discurso que se aproxima do da história e se opõe ao da ciência.
- C) Enquanto a função do mito é fornecer uma explicação parcial da realidade, limitando-se ao universo da cultura grega, a filosofia tem um caráter universal, buscando respostas para as inquietações de todos os homens.
- D) Mito e filosofia dedicam-se à busca pelas verdades absolutas e são, em essência, faces distintas do mesmo processo de conhecimento que culminou com o desenvolvimento do pensamento científico.
- E) A filosofia é a negação do mito, pois não aceita contradições ou fabulações, admitindo apenas explicações que possam ser comprovadas pela observação direta ou pela experiência.

07- (UNICENTRO 2012) A passagem do Mito ao Logos na Grécia antiga foi fruto de um amadurecimento lento e processual. Por muito tempo, essas duas



maneiras de explicação do real conviveram sem que se traçasse um corte temporal mais preciso. Com base nessa afirmativa, é correto afirmar:

- A) O modo de vida fechado do povo grego facilitou a passagem do Mito ao Logos.
- B) A passagem do Mito ao Logos, na Grécia, foi responsabilidade dos tiranos de Siracusa.
- C) A economia grega estava baseada na industrialização, e isso facilitou a passagem do Mito ao Logos.
- D) O povo grego antigo, nas viagens, se encontrava com outros povos com as mesmas preocupações e culturas, o que contribuiu para a passagem do Mito ao Logos.
- E) A atividade comercial e as constantes viagens oportunizaram a troca de informações/conhecimentos, a observação/assimilação dos modos de vida de outros povos, contribuindo, assim, de modo decisivo, para a construção da passagem do Mito ao Logos.

CONTEÚDO INTERATIVO

- pODcAST filosófico-

Por que estudar mitologia grega?

<https://podcasts.apple.com/br/podcast/filosofia-no-ensino-médio-07-por-que-estudar-mitologia/id1089766516?i=1000430599198>

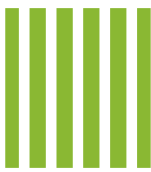
O mito da caverna de Platão e cultura ocidental:

<https://www.youtube.com/watch?v=NZSGeDrmmk4>

https://www.youtube.com/watch?v=2Vp7_fMp3Pc

O valor do mito para os dias atuais:





<https://nova-acropole.org.br/blog-saiba-mais/podcast/podcast-o-valor-do-mito-para-os-dias-atuais/>

O mito de Teseu e o minotauro:

<https://nova-acropole.org.br/blog-saiba-mais/podcast/podcast-o-mito-de-tese-e-o-minotauro/>

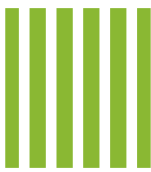
Capítulo II: Pré-socráticos



Filósofos pré-socráticos é o nome pelo qual são conhecidos os filósofos da Grécia Antiga que, como sugere o nome, antecederam a Sócrates. Essa divisão propriamente, se dá mais devido ao objeto de sua filosofia, em relação à novidade introduzida por Platão, do que à cronologia – visto que, temporalmente,

alguns dos ditos pré-socráticos são contemporâneos a Sócrates, ou mesmo posteriores a ele (como no caso de alguns sofistas).

Primeiramente, os pré-socráticos, também chamados naturalistas ou filósofos da natureza – entendendo-se este termo não em seu sentido corriqueiro, mas como realidade primeira, originária e fundamental¹, ou o que é primário, fundamental e persistente, em oposição ao que é secundário, derivado e transitório²), tinham como escopo especulativo o



problema cosmológico, ou cosmo ontológico, e buscavam o princípio (ou arché) das coisas.

Posteriormente, com a questão do princípio fundamental único entrando em crise, surge a sofística, e o foco muda do cosmo para o homem e o problema moral.

Os principais filósofos pré-socráticos (e suas escolas) foram:

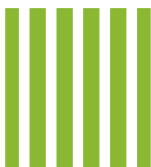
- Escola Jônica: Tales de Mileto, Anaximenes de Mileto, Anaximandro de Mileto e Heráclito de Éfeso;
- Escola Itálica: Pitágoras de Samos, Filolau de Crotona e Árquitas de Tarento;
- Escola Eleática: Xenófanes, Parmênides de Eleia, Zenão de Eleia e Melisso de Samos.
- Escola da Pluralidade: Empédocles de Agrigento, Anaxágoras de Clazômena, Leucipo de Abdera e Demócrito de Abdera.
- Escola eclética: Diógenes de Apolônia, Arquelaus de Atenas.

Principais autores

Tales de Mileto (624--548 a. C.)

Atribui-se a Tales a afirmação de que “todas as coisas estão cheias de deuses”, o que talvez pode ser associado à ideia de que o imã tem vida, porque move o ferro. Essa afirmação representa não um retorno a concepções míticas, mas simplesmente a ideia de que o universo é dotado de animação, de que a matéria é viva (hilozoísmo). Além disso, elaborou uma teoria para explicar as inundações no Nilo, e atribui-se a Tales a solução de diversos problemas geométricos (exemplo: teorema de Tales). Tales viajou por várias regiões, inclusive o Egito, onde, segundo consta, calculou a altura de uma pirâmide a partir da proporção entre sua própria altura e o comprimento de sua sombra. Esse cálculo exprime o que, na geometria, até hoje se conhece como teorema de Tales.

Tales foi um dos filósofos que acreditava que as coisas têm por trás de si um princípio físico, material, chamado arché. Para Tales, o arché seria a água. Tales observou que o calor necessita de água, que o morto resseca, que a natureza é úmida, que os germens são úmidos, que os alimentos contêm seiva, e concluiu que o princípio de tudo era a água. Com essa afirmação deduz-se que a existência singular não possui autonomia alguma, apenas algo



acidental, uma modificação. A existência singular é passageira, modifica-se. A água é um momento no todo em geral, um elemento.

Principais fragmentos:

“...a Água é o princípio de todas as coisas...”.

“... todas as coisas estão cheias de deuses...”.

“... a pedra magnética possui um poder porque move o ferro...”

Tales é apontado como um dos sete sábios da Grécia Antiga. Além disso, foi o fundador da Escola Jônica. Considerava a água como sendo a origem de todas as coisas, e seus seguidores, embora discordassem quanto à “substância primordial” (que constituía a essência do universo), concordavam com ele no que dizia a respeito da existência de um “princípio único” para essa natureza primordial. Entre os principais discípulos de Tales de Mileto merecem destaque: Anaxímenes que dizia ser o “ar” a substância primária; e Anaximandro, para quem os mundos eram infinitos em sua perpétua inter-relação.

Anaximandro de Mileto

Anaximandro viveu em Mileto no século VI a.C.. Foi discípulo e sucessor de Tales. Anaximandro achava que nosso mundo seria apenas um entre uma infinidade de mundos que evoluiriam e se dissolveriam em algo que ele chamou de ilimitado ou infinito. Não é fácil explicar o que ele queria dizer com isso, mas parece claro que Anaximandro não estava pensando em uma substância conhecida, tal como Tales concebeu. Talvez quisesse dizer que a substância que gera todas as coisas fosse algo diferente das coisas criadas. Uma vez que todas as coisas criadas são limitadas, aquilo que vem antes ou depois delas teria de ser ilimitado. É evidente que esse elemento básico não poderia ser algo tão comum como a água.

Anaximandro recusa-se a ver a origem do real em um elemento particular; todas as coisas são limitadas, e o limitado não pode ser, sem injustiça, a origem das coisas. Do ilimitado surgem inúmeros mundos, e estabelece-se a multiplicidade; a gênese das coisas a partir do ilimitado é explicada através da separação dos contrários em consequência do movimento eterno. Para Anaximandro o princípio das coisas – o *arché* - não era algo visível; era uma substância etérea, infinita. Chamou a essa substância de *apeiron* (indeterminado, infinito). O *apeiron* seria uma “massa geradora” dos seres, contendo em si todos os elementos contrários.



Anaximandro tinha um argumento contra Tales: o ar é frio, a água é úmida, e o fogo é quente, e essas coisas são antagônicas entre si, portanto o elemento primordial não poderia ser um dos elementos visíveis, teria que ser um elemento neutro, que está presente em tudo, mas está invisível. Esse filósofo foi o iniciador da astronomia grega. Foi o primeiro a formular o conceito de uma lei universal presidindo o processo cósmico totalmente.

De acordo com ele para que o vir-a-ser não cesse, o ser originário tem de ser indeterminado. Estando, assim, acima do vir-a-ser e garantindo, por isso, a eternidade e o curso do vir-a-ser. O seu fragmento refere-se a uma unidade primordial, da qual nascem todas as coisas e à qual retornam todas as coisas.

Principais fragmentos:

“... o ilimitado é eterno...”

“... o ilimitado é imortal e indissolúvel...”

Anaxímenes de Mileto (588-524 a. C.)

O terceiro filósofo de Mileto foi Anaxímenes. Ele pensava que a origem de todas as coisas teria de ser o ar ou o vapor. Anaxímenes conhecia, claro, a teoria da água de Tales. Mas de onde vem a água? Anaxímenes acreditava que a água seria ar condensado. Acreditava também que o fogo seria ar rarefeito. De acordo com Anaxímenes, por conseguinte, o ar (“pneuma”) constituiria a origem da terra, da água e do fogo

Os três filósofos milésios acreditavam na existência de uma substância básica única, que seria a origem de todas as coisas. No entanto, isso deixava sem solução o problema da mudança. Como poderia uma substância se transformar repentinamente em outra coisa? A partir de cerca de 500 a.C., quem se interessou por essa questão foi um grupo de filósofos da colônia grega de Eleia, no sul da Itália, por isso conhecidos como eleatas.

Parmênides de Eleia

O mais importante dos filósofos eleatas foi Epimênides (c. 530-460 a.C.). “Nada nasce do nada e nada do que existe se transforma em nada”. Com isso quis dizer que “tudo o que existe sempre existiu”.

Sobre as transformações que se pode observar na natureza: De acordo com ele, nenhum objeto poderia se transformar em algo diferente do que era.

Percebia, com os sentidos, que as coisas mudam. Mas sua razão lhe dizia que é logicamente impossível que uma coisa se tornasse diferente e, apesar disso,





permanecesse de algum modo a mesma. Quando se viu forçado a escolher entre confiar nos sentidos ou na razão, escolheu a razão. Essa inabalável crença na razão humana recebeu o nome de racionalismo. Um racionalista é alguém que acredita que a razão humana é a fonte primária de nosso conhecimento do mundo.

Heráclito de Éfeso

Um contemporâneo de Parmênides foi Heráclito (540-476 a.C.), que era de Éfeso, na Ásia Menor. Heráclito propunha que a matéria básica do Universo seria o fogo. Pensava também que a mudança constante, ou o fluxo, seria a característica mais elementar da Natureza. Podemos talvez dizer que Heráclito acreditava mais do que Parmênides naquilo que percebia. “Tudo flui”, disse Heráclito. “Tudo está em fluxo e movimento constante, nada permanece”. Por conseguinte, “não entramos duas vezes no mesmo rio. Quando entro no rio pela segunda vez, nem eu nem o rio somos os mesmos”.

Problema: Parmênides e Heráclito defendiam dois pontos principais diametralmente opostos.

Parmênides dizia:

- a) nada muda,
- b) não se deve confiar em nossas percepções sensoriais.

Heráclito, por outro lado, dizia:

- a) tudo muda (“todas as coisas fluem”), e
- b) podemos confiar em nossas percepções sensoriais.

Quem estava certo? Coube ao siciliano Empédocles (c. 490-430 a.C.) indicar a saída do labirinto.

Como estudioso da *physis*, Heráclito acreditava que o fogo era a origem das coisas naturais.

Empédocles

Ele achava que os dois estavam certos:

1. A água não poderia, evidentemente, transformar um peixe em uma borboleta. Com efeito, a água não pode mudar. Água pura irá continuar sendo água pura. Por isso, Parmênides estava certo ao sustentar que “nada muda”.
2. Mas, ao mesmo tempo, Heráclito também estava certo em achar que devemos confiar em nossos sentidos. Devemos acreditar naquilo o que precisava ser rejeitado era a ideia de uma substância básica única. Nem a água





nem o ar sozinhos podem se transformar em uma roseira ou uma borboleta. Não é possível que a fonte da Natureza seja um único “elemento”. Empédocles acreditava que a Natureza consistiria em quatro elementos, ou “raízes”, como os denominou. Essas quatro raízes seriam a terra, o ar, o fogo e a água.

A - Como ou por que acontecem as transformações que observamos na natureza?

1. Todas as coisas seriam misturas de terra, ar, fogo e água, mas em proporções variadas. Assim as diferentes coisas que existem seriam os processos naturais gerados pela aproximação e à separação desses quatro elementos.

2. Quando uma flor ou um animal morrem, disse Empédocles, os quatro elementos voltam a se separar. Podemos registrar essas mudanças a olho nu. Mas a terra e o ar, o fogo e a água permaneceriam eternos, “intocados” por todos os componentes dos quais fazem parte. Dessa maneira, não é correto dizer que todas as coisas mudam.

3. Basicamente, nada mudaria. O que ocorre é que os quatro elementos se combinariam e se separariam - para se juntarem de novo, em um ciclo.

B - O que faria esses elementos se combinarem de tal modo que fizessem surgir uma nova vida? E o que faria a “mistura”, digamos, de uma flor se dissolver de novo?

Empédocles pensava que haveria duas forças diferentes atuando na Natureza. Ele as chamou de amor e discórdia. Amor uniria as coisas, a discórdia as separaria. Curiosamente, os quatro elementos correspondem, um a um, aos quatro estados da natureza: terra (sólido), água (líquido), ar (gasoso) e fogo (plasma).

Demócrito e a Teoria Atômica

Para Demócrito, as transformações que se podem observar na natureza não significavam que algo realmente se transformava. Ele acreditava que todas as coisas eram formadas por uma infinidade de “pedrinhas minúsculas, invisíveis, cada uma delas sendo eterna, imutável e indivisível”. A estas unidades mínimas deu o nome de ÁTOMOS. Átomo significa indivisível, cada coisa que existe é formada por uma infinidade dessas unidades indivisíveis. “Isto porque se os átomos também fossem passíveis de desintegração e pudessem ser divididas em unidades ainda menores, a natureza acabaria por diluir-se totalmente”. Exemplo: se um corpo – de uma árvore ou animal, morre e se decompõe, seus átomos se espalham e podem ser reaproveitados para dar origem a outros corpos.





Pitágoras de Samos

Representada pelo mestre de Pitágoras, Temistocléia e seus seguidores: Teano, Damo, Arquitas de Tarento, Arignote, Equécrates, Melissa, Myia, Fíntis de Esparta, Filolau de Crotona. A maioria dos discípulos desenvolvia conhecimentos em matemática.


Defendia uma doutrina com ênfase na metafísica e na filosofia dos números e da música como essência de tudo que existe e também da própria Divindade. O ponto central da doutrina religiosa é a crença na transmigração das almas ou metempsicose.

Pitágoras, o fundador da Escola Pitagórica, nasceu em Samos pelos anos 571-70 a.C. Em 532-31 foi para a Itália, na Magna Grécia, e fundou em Crotona, colônia grega, uma associação acadêmico-científico-cultural, que foi o centro de irradiação da escola e encontrou partidários entre os gregos da Itália meridional e da Sicília. Pitágoras queria – e conseguiu – fazer com que a educação ética da escola ampliasse e se tornasse reforma política; isto, porém, levantou oposições contra ele e foi constrangido a deixar Crotona, mudando-se para Metaponto, aí morrendo provavelmente em 497-96 a.C. Um dos principais herdeiros foi o filósofo grego Platão.



Exercícios Propostos

01- (UEL 2003) "Tales foi o iniciador da filosofia da physis, pois foi o primeiro a afirmar a existência de um princípio originário único, causa de



todas as coisas que existem, sustentando que esse princípio é a água. Essa proposta é importantíssima... podendo com boa dose de razão ser qualificada como a primeira proposta filosófica daquilo que se costuma chamar civilização ocidental.” (REALE, Giovanni. História da filosofia: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990. p. 29.)

A filosofia surgiu na Grécia, no século VI a.C. Seus primeiros filósofos foram os chamados pré-socráticos. De acordo com o texto, assinale a alternativa que expressa o principal problema por eles investigado.

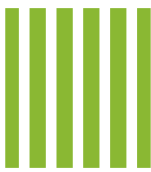
- A) A ética, enquanto investigação racional do agir humano.
- B) A estética, enquanto estudo sobre o belo na arte.
- C) A epistemologia, como avaliação dos procedimentos científicos.
- D) A cosmologia, como investigação acerca da origem e da ordem do mundo.
- E) A filosofia política, enquanto análise do Estado e sua legislação.

02-(UNCISAL 2012) O período pré-socrático é o ponto inicial das reflexões filosóficas. Suas discussões se prendem a Cosmologia, sendo a determinação da *physis* (princípio eterno e imutável que se encontra na origem da natureza e de suas transformações) ponto crucial de toda formulação filosófica. Em tal contexto, Demócrito afirma ser a realidade percebida pelos sentidos ilusória. Ele defende que os sentidos apenas capturam uma realidade superficial, mutável e transitória que acreditamos ser verdadeira. Mesmo que os sentidos apreendam “as mutações das coisas, no fundo, os elementos primordiais que constituem essa realidade jamais se alteram.” Assim, a realidade é uma coisa e o real outra. Para Demócrito a *physis* é composta:

- A) pelas quatro raízes: o úmido, o seco, o quente e o frio.
- B) pela água.
- C) pelo fogo.
- D) pelo ilimitado.
- E) pelos átomos.

3- (UFF 2010) Como uma onda.

“Nada do que foi será/ De novo do jeito que já foi um dia/ Tudo passa/ Tudo sempre passará/
A vida vem em ondas/ Como um mar/ Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é/ Igual ao que a gente/ Viu há um segundo/ Tudo muda o tempo todo/ No mundo



Não adianta fugir/ Nem mentir/ Pra si mesmo agora/ Há tanta vida lá fora/
Aqui dentro sempre/ Como uma onda no mar/ Como uma onda no mar/ Como
uma onda no mar

(Lulu Santos e Néelson Morta)

A letra dessa canção de Lulu Santos lembra ideias do filósofo grego Heráclito, que viveu no século VI a.C. e que usava uma linguagem poética para exprimir seu pensamento. Ele é o autor de uma frase famosa: “Não se entra duas vezes no mesmo rio”. Dentre as sentenças de Heráclito a seguir citadas, marque aquela em que o sentido da canção de Lulu Santos mais se aproxima

- A) Morte é tudo que vemos despertos, e tudo que vemos dormindo é sono.
- B) O homem tolo gosta de se empolgar a cada palavra.
- C) Ao se entrar num mesmo rio, as águas que fluem são outras.
- D) Muita instrução não ensina a ter inteligência.
- E) O povo deve lutar pela lei como defende as muralhas da sua cidade.

04-(**IJA-2018**) Os filósofos pré-socráticos lançaram questões centrais sobre o problema do ser, do conhecer e da origem da natureza, do universo. Parmênides e Heráclito são duas referências importantes nesse início da filosofia ocidental que ocorreu na Grécia Antiga entre os séc. VII e V a.C. Qual é a principal diferença na forma de pensar entre Heráclito e Parmênides?

- A) Heráclito é dialético e Parmênides é analítico.
- B) Heráclito é platônico e Parmênides é aristotélico.
- C) Heráclito diz que os sentidos enganam e Parmênides valoriza os sentidos;
- D) Heráclito considera que tudo na natureza se transforma, pois todas as coisas estão em constante movimento e, portanto, conhecer é captar a mudança contínua. Já Parmênides concebe que conhecer é alcançar o idêntico, imutável;
- E) Para Heráclito ninguém consegue se banhar duas vezes no mesmo rio e para Parmênides todos “os banhos” são iguais.

05-(**UEAP 2011**) ...que é e que não é possível que não seja,/ é a vereda da Persuasão (porque acompanha a Verdade); o outro diz que não é e que é preciso que não seja,/ eu te digo que esta é uma vereda em que nada se pode aprender. De fato, não poderias conhecer o que não é, porque tal não é fatível./ nem poderia expressá-lo. (Nicola, Ubaldo. Antologia ilustrada de Filosofia. Editora Globo, 2005.)

O texto anterior expressa o pensamento de qual filósofo?



- a) Aristóteles, que estabelecia a distinção entre o mundo sensível e o inteligível.
- b) Heráclito de Éfeso, que afirmava a unidade entre pensamento e realidade.
- c) Tales de Mileto, que afirmava ser a água o princípio de todas as coisas.
- d) Parmênides de Eleia, que afirmava a imutabilidade de todas as coisas e a unidade entre ser e pensar, ser e conhecimento.
- e) Protágoras, que afirmava que o homem é a medida de todas as coisas, que o ser é e o não ser não é.

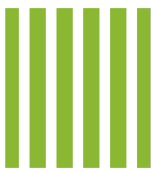
06. (UENP 2011) Mario Quintana, no poema “As coisas”, traduziu o sentimento comum dos primeiros filósofos da seguinte maneira: “O encanto sobrenatural que há nas coisas da Natureza! [...] se nelas algo te dá encanto ou medo, não me digas que seja feia ou má, é, acaso, singular”. Os primeiros filósofos da antiguidade clássica grega se preocupavam com:

- a) Cosmologia, estudando a origem do Cosmos, contrapondo a tradição mitológica das narrativas cosmogônicas e teogônicas.
- b) Política, discutindo as formas de organização da polis e estabelecendo as regras da democracia.
- c) Ética, desenvolvendo uma filosofia dos valores e da vida virtuosa.
- d) Epistemologia, procurando estabelecer as origens e limites do conhecimento verdadeiro.
- e) Ontologia, construindo uma teoria do ser e do substrato da realidade.

07- (UFPE 2011) As reflexões sobre o mundo e as relações sociais fazem parte da construção da Filosofia, desde os seus primórdios. Na Grécia, o pensamento filosófico foi muito importante para a organização da sua sociedade e o estabelecimento de uma visão crítica de suas manifestações culturais. Uma das figuras marcantes da Filosofia Grega foi Parmênides, que:

- A) defendia a concepção de um universo composto pelos quatro elementos fundamentais da natureza (a água, o fogo, a terra, o ar) em constantes movimentos circulares.
- B) seguiu as teorias de Heráclito sobre a permanência do sagrado e dos mitos, como princípios básicos da realização religiosa da sociedade, em todos os tempos.
- C) se posicionou contra as teorias políticas dos mais democratas, pois achava a escravidão necessária para se explorar as riquezas e facilitar a organização da economia.
- D) influenciou em muito o pensamento idealista da filosofia ocidental, dando destaque à ideia de permanência e considerando o movimento como uma ilusão dos sentidos.





E) estabeleceu orientações fundamentais para o pensamento de Aristóteles, de quem foi mestre, articulando as bases de uma lógica dualista com a concepção de governo monárquico vitalício.

08. (UEG 2011) No século V a.C., Atenas vivia o auge de sua democracia. Nesse mesmo período, os teatros estavam lotados, afinal, as tragédias chamavam cada vez mais a atenção. Outro aspecto importante da civilização grega da época eram os discursos proferidos na ágora. Para obter a aprovação da maioria, esses pronunciamentos deveriam conter argumentos sólidos e persuasivos. Nesse caso, alguns cidadãos procuravam aperfeiçoar sua habilidade de discursar. Isso favoreceu o surgimento de um grupo de filósofos que dominavam a arte da oratória. Esses filósofos vinham de diferentes cidades e ensinavam sua arte em troca de pagamento. Eles foram duramente criticados por Sócrates e são conhecidos como

- A) maniqueístas.
- B) hedonistas.
- C) epicuristas.
- D) sofistas.

09- (ENEM 2016)

TEXTO I

Fragmento B91: Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, nem substância mortal alcançar duas vezes a mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança, dispersa e de novo reúne.

HERÁCLITO. Fragmentos (Sobre a natureza). São Paulo. Abril Cultural, 1996 (adaptado).

TEXTO II

Fragmento B8: São muitos os sinais de que o ser é ingênito e indestrutível, pois é compacto, inabalável e sem fim; não foi nem será, pois é agora um todo homogêneo, uno, contínuo. Como poderia o que é perecer? Como poderia gerar-se?

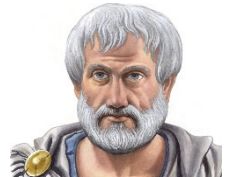
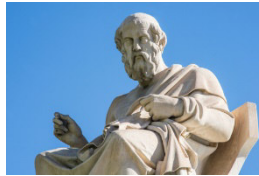
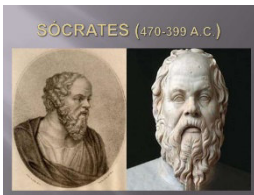
PARMÊNIDES. Da natureza. São Paulo: Loyola, 2002 (adaptado).

Os fragmentos do pensamento pré-socrático expõem uma oposição que se insere no campo das

- A) investigações do pensamento sistemático.
- B) preocupações do período mitológico.

- C).discussões de base ontológica.
- D)habilidades da retórica Sofística.
- E)verdades do mundo sensível.

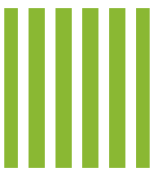
Capítulo III -A filosofia na Pólis e a análise da democracia: Sócrates, Platão e Aristóteles.



SÓCRATES :

Filósofo grego que tornou-se um marco na filosofia antiga a ponto de dividir a própria história da filosofia em pré-socráticos e socráticos, tornou-se célebre por sua frase “Só sei que nada sei!”. Pode dizer assim que o fato de não saber abre a experiência para o novo, para a investigação daquilo que já imaginávamos saber com uma nova disposição de espírito para conhecer a verdade daquilo que investigamos.

Assim pode Sócrates propor a suspensão de nossos pré-conceitos e pré-juízos para compreender através da reflexão todos os objetos apresentados à nossa percepção:



Pei da Filosofia
Clássica

"Si sei que nada sei"

"Conhece-te a ti mesmo"

A cada conhecimento obtido surge uma nova IGNORÂNCIA

MAIEUTICA (Parto das) IDEIAS

Análise Conceitual
Busca a essência

Utiliza o diálogo para encontrar a VERDADE

Beber
PENAR: cicuta

Foi acusado de corromper as
juventude e impiedade

A R T E

- Erelémia
- Mérito
- Valor

Bem da
Pólis



Sócrates

SOFISTAS

Mestres na arte de ensinar (Professores)

FUNÇÃO → ensinar o cidadão a falar.
(Retórica & oratória)

Alcançar as verdades últimas

Não acreditavam em verdades absolutas

— Por isso havia uma crítica a Filosofia

D I A L Ó G O

Voz inimitável declarada por Sócrates que xeria como um Deus que lhe falava o que NÃO fazer.



MUNDO DAS IDEIAS

O conhecimento das ideias começa por meio da **DIALÉTICA**

A educação começa pelo conhecimento racional de si próprio, mas é por ela que a alma é **DIRECIONADA**

PERFEITO, IMUTÁVEL, IMÓVEL, ETERNO, RAZÃO
"PARMÊNIDES"

O mito da CAVERNA

A CAVERNA é o mundo material onde vivemos.

LUZ: um reflexo da luz verdadeira.

PRISIONEIRO: nós os humanos, as nossas crenças e suas percepções, e o que escapar é o filósofo.

SOMBRAS: coisas materiais que os humanos tentam compreender.

SOL: bom estado.



Platão

TEORIA da TRIPARTIÇÃO DA ALMA

POLÍTICA

- ▼ A cidade ideal
- ▼ Os interesses pessoais devem estar abaixo dos coletivos.

mito do fogo

- Parte RACIONAL
- Parte COLÉRICA
- Parte APETITIVA

MUNDO SENSÍVEL

#DEMIURGO

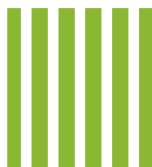
Uma espécie de deus que criou todas as coisas do mundo sensível.

IMPERFEITO, IMUTÁVEL, PASSAGEIRO
CÓPIA DO MUNDO IDEAL
SENTIDOS, APARÊNCIA
"HERÁCLITO"

TEORIA DA REMINISCÊNCIA
Conhecer é lembrar

PLATÃO (447-367.a.c)

Discípulo de Sócrates, Platão considera o conhecimento uma lembrança das ideias perfeitas que a alma conheceu no Mundo das Ideias. Para ele, tudo o que podemos conhecer são cópias imperfeitas, que existem neste



Mundo das Aparências, das ideias perfeitas que conhecemos naquele outro mundo. Assim, para Platão, o conhecimento é memória, lembrança. Somente através da reflexão, do pensamento, das ideias podemos conhecer as coisas. Platão postula a existência de dois mundos distintos para explicar o conhecimento:

- O mundo das ideias x O mundo das aparências.

Platão, com sua teoria dos dois mundos, tenta explicar que podemos conhecer apenas pelo pensamento que se lembra das formas perfeitas do mundo das idéias e que os nossos sentidos percebem apenas as aparências, as sombras imperfeitas daquele mundo onde reside a verdade. Em Platão o Bem, o Belo e o Verdadeiro se igualam no Mundo das Ideias e isso constitui o Divino. A Justiça é essa realização (Bem = Belo = Verdade) e depende da distinção entre o inteligível e o sensível para que se alcance a Verdade. Muito importante para a história da filosofia, Platão é responsável por termos acesso ao pensamento de diversos filósofos da Grécia antiga, como Sócrates, seu mestre, Heráclito, Parmenides e Pitágoras. Platão foi ainda o introdutor do método de diálogo em filosofia e com sua obra *A República* fundou a filosofia política ocidental.

Os personagens dos diálogos de Platão tratam de diversos temas em praticamente todas as áreas da vida, privada ou pública, entre os principais temas encontramos, a política, arte, religião, justiça, medicina, vício e virtude, crime e castigo, sofrimento e prazer, sexualidade e a natureza humana, amor e sabedoria, entre outros.

Platão foi uma dos filósofos mais conscientes do modo como a filosofia deveria ser concebida e qual deveria ser seu escopo e quais ambições poderia aspirar o filósofo. De fato, Platão pode ser considerado o inventor do tema da filosofia, aquilo de que ela de fato trata, tendo a filosofia como um rigoroso e sistemático exame dos assuntos éticos, políticos, metafísicos e epistemológicos através de um método distintivo.

O autor grego é frequentemente atribuído a uma posição filosófica que atualmente seria descrita como racionalista, parte de uma definição de raciocínio como uma operação mental discursiva, pautada pela lógica, e utilizando proposições para extrair conclusões; realista, em relação à existência de universais, as formas ideais; idealista, com sua teoria das ideias, na qual a verdadeira realidade estaria no mundo das ideias, sendo acessível apenas à razão; e dualista, concepção baseada na existência de duas substâncias irreduzíveis uma a outra. Embora estas posições não tenham sido



completamente desenvolvidas por Platão, suas ideias iniciais inspiraram a formação destas posições filosóficas, a tal ponto que, por exemplo, o realismo, na forma apresentada acima, é hoje conhecido como "Realismo Platônico".

Ética

Felicidade ↔ Virtude ↔ Bem

Para Aristóteles, Felicidade é a busca pelo aperfeiçoamento → PERFEIÇÃO

EXCESSO	VIRTUDE	CARÊNCIA
↓	↓	↓
Vício	Méio termo Justo meio	Vício

• Para Aristóteles, o homem não nasce bom, mas torna-se a partir da prática da virtude.

Teoria das Causas

CAUSA MATERIAL
CAUSA FORMAL
CAUSA EFICIENTE
CAUSA FINAL



Aristóteles

METAFÍSICA

Busca pela natureza das coisas
→ O 1º movimento por

SILOGISMO DE UM

- 2 premissas
- 1 conclusão

Platão VS Aristóteles

• Platão influenciou as ideias de Aristóteles, entretanto, teve um trabalho muito criticado.

• Enquanto Platão tinha grande interesse pela matemática, Aristóteles utilizava-se para a natureza.

Aristóteles se esforça para provar que o indivíduo de Platão, não no sentido.



ATO → MOVIMENTO → POTÊNCIA

↑ COÍTE A PARÂMETROS

↓ Possibilidade que algo tem de se transformar.

↓ Manifestação atual do ser.




ARISTÓTELES (380-322 a.c)

Aristóteles foi viver em Atenas aos 17 anos, onde conheceu Platão, tornando seu discípulo. Passou o ano de 343 a.C. como preceptor do imperador Alexandre, o Grande, da Macedônia. Fundou em Atenas, no ano de 335 a.C., a escola Liceu (depois se transformou na Escola Peripatética), voltada para o estudo das ciências naturais. Seus estudos filosóficos baseavam-se em experimentações para comprovar fenômenos da natureza.

O filósofo valorizava a inteligência humana, única forma de alcançar a verdade. Fez escola e seus pensamentos foram seguidos e propagados pelos discípulos. Pensou e escreveu sobre diversas áreas do conhecimento: política, lógica, moral, ética, teologia, pedagogia, metafísica, didática, poética, retórica, física, antropologia, psicologia e biologia. Publicou muitas obras de cunho didático, principalmente para o público geral. Valorizava a educação e a considerava uma das formas crescimento intelectual e humano. Sua grande obra é o livro *Organon*, que reúne grande parte de seus pensamentos.

Alguns veem Aristóteles como o fundador da Ética o que se justifica desde que consideremos a Ética como uma disciplina específica e distinta no corpo das ciências. Em suas aulas, Aristóteles fez uma análise do agir humano que marcou decisivamente o modo de pensar ocidental. O filósofo ensinava que todo o conhecimento e todo o trabalho visam a algum bem. O bem é a finalidade de toda a ação. A busca do bem é o que difere a ação humana da de todos os outros animais. Para Aristóteles, estudamos a ética, a fim de melhorar nossas vidas e, portanto, sua preocupação principal é a natureza do bem-estar humano. Aristóteles segue Sócrates e Platão ao dispor as virtudes no centro de uma vida bem vivida. Como Platão, ele considera as virtudes éticas (justiça, coragem, temperança etc.), como habilidades complexas racionais, emocionais e sociais, mas rejeita a ideia de Platão de que a formação em ciências e metafísica é um pré-requisito necessário para um entendimento completo de bem. Segundo ele, o que precisamos, a fim de viver bem, é uma apreciação adequada da maneira em que os bens tais como a amizade, o prazer, a virtude, a honra e a riqueza se encaixam como um todo.

Para aplicar esse entendimento geral para casos particulares, devemos adquirir, através de educação adequada e hábitos, a capacidade de ver, em cada ocasião, qual curso de ação é mais bem fundamentada. Portanto, a sabedoria prática, como ele a concebe, não pode ser adquirida apenas ao aprender regras gerais, também deve ser adquirida através da prática. E essas habilidades deliberativas, emocionais e sociais é que nos permitem colocar



nossa compreensão geral de bem-estar em prática em formas que são adequados para cada ocasião. Aristóteles propõe que a vida contemplativa (intelectual) traria uma felicidade maior e mais constante ao ser humano, quando comparada à vida política (procura da honra) e da vida baseada em prazeres sensoriais.

Exercícios Propostos

01-(MOD. ENEM) O aparecimento da pólis, situado entre os séculos VIII e VII a.C., constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo. Certamente, no plano intelectual como no domínio das instituições, a vida social e as relações entre os homens tomam uma forma nova, cuja originalidade foi plenamente sentida pelos gregos, manifestando-se no surgimento da filosofia.

VERNANT, J.-P *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Ditei, 2004 (adaptado).

Segundo Vernant, a filosofia na antiga Grécia foi resultado do(a)

- A) constituição do regime democrático.
- B) contato dos gregos com outros povos.
- C) desenvolvimento no campo das navegações.
- D) aparecimento de novas instituições religiosas.
- E) surgimento da cidade como organização social.

02- (UENP 2011) Platão foi um dos filósofos que mais influenciaram a cultura ocidental. Para ele, a filosofia tem um fim prático e é capaz de resolver os grandes problemas da vida. Considera a alma humana prisioneira do corpo, vivendo como se fosse um peregrino em busca do caminho de casa. Para tanto, deveria transpor os limites do corpo e contemplar o inteligível. Assinale a alternativa correta.

- A) A teoria das ideias não pode ser considerada uma chave de leitura aplicável a todo pensamento platônico.
- B) Como Sócrates, Platão desenvolveu uma ética racionalista que desconsiderava a vontade como elemento fundamental entre os motivadores da ação. Ele acreditava que o conhecimento do bem era suficiente para motivar a conduta de acordo com essa ideia (agir bem).



C) Platão propõe um modelo de organização política da sociedade que pode ser considerado estamental e antidemocrático. Para ele, o governo não deveria se pautar pelo princípio da maioria. As almas têm natureza diversa, de acordo com sua composição, isso faz com que os homens devam ser distribuídos de acordo com essa natureza, divididos em grupos encarregados do governo, do controle e do abastecimento da polis.

D) Platão chamava o conhecimento da verdade de doxa e o contrapõe a uma outra forma de conhecimento (inferior) denominada episteme.

E) Para Platão, a essência das coisas é dada a partir da análise de suas causas material e final.

03- (UNCISAL 2011) Na Grécia Antiga, o filósofo Sócrates ficou famoso por interperlar os transeuntes e fazer perguntas aos que se achavam conhecedores de determinado assunto. Mas durante o diálogo, Sócrates colocava o interlocutor em situação delicada, levando-o a reconhecer sua própria ignorância. Em virtude de sua atuação, Sócrates acabou sendo condenado à morte sob a acusação de corromper a juventude, desobedecer às leis da cidade e desrespeitar certos valores religiosos. Considerando essas informações sobre a vida de Sócrates, assim como a forma pela qual seu pensamento foi transmitido, pode-se afirmar que sua filosofia

A) transmitia conhecimentos de natureza científica.

B) baseava-se em uma contemplação passiva da realidade.

C) transmitia conhecimentos exclusivamente sob a forma escrita entre a população ateniense.

D) ficou consagrada sob a forma de diálogos, posteriormente redigidos pelo filósofo Platão.

E) procurava transmitir às pessoas conhecimentos de natureza mitológica.

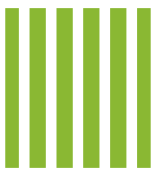
04-(ENEM-2015) Trasímaco estava impaciente porque Sócrates e os seus amigos presumiam que a justiça era algo real e importante. Trasímaco negava isso. Em seu entender, as pessoas acreditavam no certo e no errado apenas por terem sido ensinadas a obedecer às regras da sua sociedade. No entanto, essas regras não passavam de invenções humanas.

RACHELS, J. *Problemas da filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2009.

O sofista Trasímaco, personagem imortalizado no diálogo A República, de Platão, sustentava que a correlação entre justiça e ética é resultado de

A) determinações biológicas impregnadas na natureza humana.





- B) verdades objetivas com fundamento anterior aos interesses sociais.
- C) mandamentos divinos inquestionáveis legados das tradições antigas.
- D) convenções sociais resultantes de interesses humanos contingentes.
- E) sentimentos experimentados diante de determinadas atitudes humanas.

05- (UNCISAL 2012) No contexto da Filosofia Clássica, Platão e Aristóteles possuem lugar de destaque. Suas concepções, que se opõem, mas não se excluem, são amplamente estudadas e debatidas devido à influência que exerceram, e ainda exercem, sobre o pensamento ocidental. Todavia é necessário salientar que o produto dos seus pensamentos se insere em uma longa tradição filosófica que remonta a Parmênides e Heráclito e que influenciou, direta ou indiretamente, entre outros, os racionalistas, empiristas, Kant e Hegel.

Observando o cerne da filosofia de Platão, assinale nas opções abaixo aquela que se identifica corretamente com suas concepções.

- A) A dicotomia aristotélica (mundo sensível X mundo inteligível) se opõe radicalmente as concepções de caráter empírico defendidas por Platão.
- B) A filosofia platônica é marcada pelo materialismo e pragmatismo, afastando-se do misticismo e de conceitos transcendentais.
- C) Segundo Platão a verdade é obtida a partir da observação das coisas, por meio da valorização do conhecimento sensível.
- D) Para Platão, a realidade material e o conhecimento sensível são ilusórios.
- E) As concepções platônicas negam veementemente a validade do Inatismo.

06- (UENP 2011) Platão foi um dos filósofos que mais influenciaram a cultura ocidental. Para ele, a filosofia tem um fim prático e é capaz de resolver os grandes problemas da vida. Considera a alma humana prisioneira do corpo, vivendo como se fosse um peregrino em busca do caminho de casa. Para tanto, deveria transpor os limites do corpo e contemplar o inteligível. Assinale a alternativa correta.

- A) A teoria das ideias não pode ser considerada uma chave de leitura aplicável a todo pensamento platônico.
- B) Como Sócrates, Platão desenvolveu uma ética racionalista que desconsiderava a vontade como elemento fundamental entre os motivadores da ação. Ele acreditava que o conhecimento do bem era suficiente para motivar a conduta de acordo com essa ideia (agir bem).
- C) Platão propõe um modelo de organização política da sociedade que pode ser considerado estamental e antidemocrático. Para ele, o governo não deveria





se pautar pelo princípio da maioria. As almas têm natureza diversa, de acordo com sua composição, isso faz com que os homens devam ser distribuídos de acordo com essa natureza, divididos em grupos encarregados do governo, do controle e do abastecimento da polis.

D) Platão chamava o conhecimento da verdade de doxa e o contrapõe a uma outra forma de conhecimento (inferior) denominada episteme.

E) Para Platão, a essência das coisas é dada a partir da análise de suas causas material e final.

07- (MOD. ENEM) Estamos, pois, de acordo quando, ao ver algum objeto, dizemos: “Este objeto que estou vendo agora tem tendência para assemelhar-se a um outro ser, mas, por ter defeitos, não consegue ser tal como o ser em questão, e lhe é, pelo contrário, inferior”. Assim, para podermos fazer estas reflexões, é necessário que antes tenhamos tido ocasião de conhecer esse ser de que se aproxima o dito objeto, ainda que imperfeitamente.

PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Abril CULTURAL, 1972.

Na epistemologia platônica, conhecer um determinado objeto implica

A) estabelecer semelhanças entre o que é observado em momentos distintos.

B) comparar o objeto observado com uma descrição detalhada dele.

C) descrever corretamente as características do objeto observado.

D) fazer correspondência entre o objeto observado e seu ser.

E) identificar outro exemplar idêntico ao observado.

08- (UEL2012) Leia o texto a seguir.

No *ethos* (ética), está presente a razão profunda da *physis* (natureza) que se manifesta no finalismo do bem. Por outro lado, ele rompe a sucessão do mesmo que caracteriza a *physis* como domínio da necessidade, com o advento do diferente no espaço da liberdade aberto pela práxis. Embora, enquanto autodeterminação da práxis, o *ethos* se eleve sobre a *physis*, ele reinstaura, de alguma maneira, a necessidade de a natureza fixar-se na constância do hábito.

Adaptado de: VAZ, Henrique C. Lima. *Escritos de Filosofia II. Ética e Cultura*. 3ª edição. São Paulo: Loyola. Coleção Filosofia - 8, 2000, p.11-12.

Com base no texto, é correto afirmar que a noção de *physis*, tal como empregada por Aristóteles, compreende:

A) A disposição da ação humana, que ordena a natureza.

B) A finalidade ordenadora, que é inerente à própria natureza.





- C) A ordem da natureza, que determina o hábito das ações humanas.
- D) A origem da virtude articulada, segundo a necessidade da natureza.
- E) A razão matemática, que assegura ordem à natureza.

09-(UFPA 2012) Tendemos a concordar que a distribuição isonômica do que cabe a cada um no estado de direito é o que permite, do ponto de vista formal e legal, dar estabilidade às várias modalidades de organizações instituídas no interior de uma sociedade. Isso leva Aristóteles a afirmar que a justiça é “uma virtude completa, porém não em absoluto e sim em relação ao nosso próximo”

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 332.

De acordo com essa caracterização, é correto dizer que a função própria e universal atribuída à justiça, no estado de direito, é

- A) conceber e aplicar, de forma incondicional, ideias racionais com poder normativo positivo e irrestrito.
- B) instituir um ideal de liberdade moral que não existiria se não fossem os mecanismos contidos nos sistemas jurídicos.
- C) determinar, para as relações sociais, critérios legais tão universais e independentes que possam valer por si mesmos.
- D) promover, por meio de leis gerais, a reciprocidade entre as necessidades do Estado e as de cada cidadão individualmente.
- E) estabelecer a regência na relação mútua entre os homens, na medida em que isso seja possível por meio de leis.

10- (UEL 2015) Leia os textos a seguir.

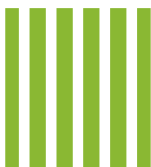
A arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, é pelo facto de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição.

Adaptado de: PLATÃO. *A República*. 7.ed. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993. p.457.

O imitar é congênito no homem e os homens se comprazem no imitado.

Adaptado de: ARISTÓTELES. *Poética*. 4.ed. Trad. De Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p.203. Coleção “Os Pensadores”.





Com base nos textos, nos conhecimentos sobre estética e a questão da *mímeses* em Platão e Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- A) Para Platão, a obra do artista é cópia de coisas fenomênicas, um exemplo particular e, por isso, algo inadequado e inferior, tanto em relação aos objetos representados quanto às ideias universais que os pressupõem.
- B) Para Platão, as obras produzidas pelos poetas, pintores e escultores representam perfeitamente a verdade e a essência do plano inteligível, sendo a atividade do artista um fazer nobre, imprescindível para o engrandecimento da pólis e da filosofia.
- C) Na compreensão de Aristóteles, a arte se restringe à reprodução de objetos existentes, o que veda o poder do artista de invenção do real e impossibilita a função caricatural que a arte poderia assumir ao apresentar os modelos de maneira distorcida.
- D) Aristóteles concebe a *mímeses* artística como uma atividade que reproduz passivamente a aparência das coisas, o que impede ao artista a possibilidade de recriação das coisas segundo uma nova dimensão.
- E) Aristóteles se opõe à concepção de que a arte é imitação e entende que a música, o teatro e a poesia são incapazes de provocar um efeito benéfico e purificador no espectador.

Capítulo IV: Escolas Helenistas: a transição para a idade média.

O que foi?

É o período da história da Grécia Antiga e parte do Oriente Médio que vai de 336 a.C. (do início do reinado de Alexandre, o Grande da Macedônia) até 30 a.C. (anexação do Egito, último reino helenístico, por Roma).

Contexto histórico

Alexandre, o Grande deu continuidade à política de expansão territorial de seu pai Felipe II. O Império Macedônico no período de Alexandre atingiu seu ponto máximo de conquistas territoriais. Abrangeu a Grécia, nordeste da África, Mesopotâmia, Anatólia até o rio Indo (na Índia). Portanto, gregos, persas, assírios e hindus foram conquistados pelos macedônicos.



Alexandre, o Grande, foi criado dentro da cultura grega, pois havia sido educado por Aristóteles, um dos principais filósofos da Grécia Antiga. Ele também teve contato também com a cultura oriental dos diversos povos que faziam parte do Império Macedônico. Esta fusão de aspectos culturais gregos e orientais é conhecida como Helenismo.

Com a morte de Alexandre em 323 a.C. teve início o esfacelamento do Império Macedônico. O território foi fragmentado entre generais, enfraquecendo o poder. Aproveitando do enfraquecimento político-administrativo do que restava, Roma conquistou o Império Macedônico no século I a.C.

Características principais deste período:

Nas Artes Plásticas e Arquitetura

As influências artísticas da cultura grega espalharam-se por todo Império Macedônico, influenciando artistas. O realismo e a temática voltada para o dramático foram as principais características deste período.

Principais obras: Vitória de Samotrácia (escultura); Laocoonte e seus filhos (escultura em mármore); Altar de Pérgamo (estrutura arquitetônica dedicada a Zeus); Vênus de Milo (estátua de mármore).

Na Filosofia

Na Literatura

Infelizmente, grande parte das obras deste período foi perdida. Mas podemos destacar alguns escritores helenísticos como, por exemplo:

- Calímaco: mitógrafo, poeta e bibliotecário grego, escreveu poemas épicos, hinos e epigramas.
- Teócrito: a simplicidade foi uma das principais características de seus poemas épicos e bucólicos.

Você sabia?

O termo helenismo foi usado pela primeira vez em meados do século XIX pelo historiador alemão Johann Gustav Droysen.



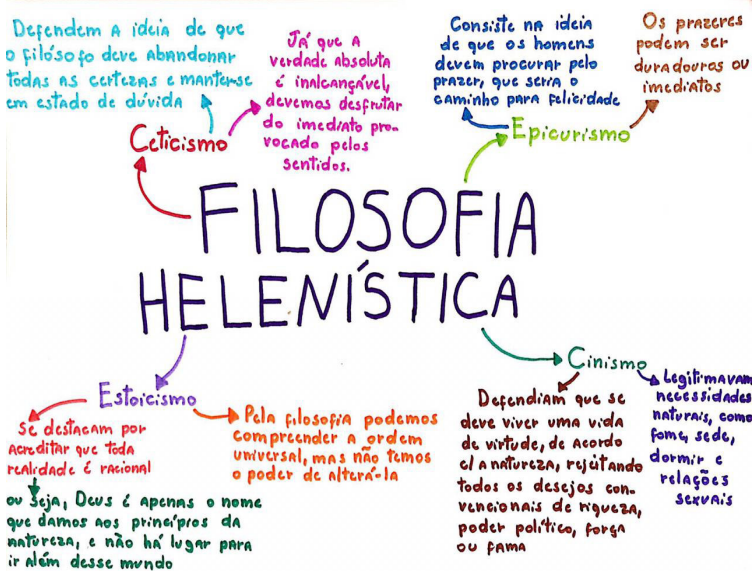


Na Filosofia

As escolas helênicas costumam indicar o Estoicismo e Epicurismo como as principais, entretanto, o Ceticismo e o Cinismo são também movimentos filosóficos no helenismo que merecem uma atenção especial. Seguindo uma lógica semelhante ao período pré-socrático de uma *arché*, e apoiado no paradigma ético iniciado por Sócrates, essas escolas se destacam por princípios éticos que norteiam uma ideia sobre uma vida virtuosa. É interessante que boa parte dos princípios helênicos foram corrompidos no decorrer da História e atualmente podem representar até mesmo o contrário do que essas escolas propuseram, como é o caso da visão negativa em torno dos termos cínico, apático, hedonista, cético, etc.

Desse modo, resumidamente podemos sistematizar a seguinte classificação:





Estoicismo - ética naturalista, visão unificada do mundo e lógica formal. Principais filósofos: Zenão de Cítio, Cleanto, Panécio de Rodes, Sêneca e Epicteto.

Fundada por Zenão, foi uma escola baseada na ideia da *Apatheia* como ausência de paixões, ou seja, a impassibilidade perante o prazer e a dor. Foi umas das escolas filosóficas que mais se expandiram na transição do período helênico para o império romano. Tanto que figuram entre personalidade políticas de Roma como Sêneca, Marco Aurélio e Epiteto pensadores célebres que aderiram ao estoicismo. É conhecida como o culto do eterno retorno e ao mesmo tempo a aceitação do destino. A filosofia como um todo tem uma grande sistematização da ética e da lógica.

Epicurismo - busca da felicidade e da tranquilidade através do conhecimento do mundo (dos desejos, da morte, dos medos e dos deuses) e da moderação dos prazeres. Principais filósofos: Epicuro, Lucrécio.

Fundado por Epicuro, é conhecido como a escola do jardim, tem como princípio o culto moderado dos pequenos prazeres, o que se caracteriza como o conceito de *Ataraxia*. É uma escola que dá continuidade ao princípio



atomista iniciado por Demócrito, no qual inova com a relação entre o átomo e o vazio como constituição da realidade. Não acreditavam no destino, mas entendiam que ideias como Deus, a morte, etc deveriam ser moderadas pelo que eles chamam de *Tetrapharmakón*, na qual essas ideias podem ser um remédio ou um veneno dependendo da dose/medida que é utilizada.

Cinismo - Uma das mais antigas escolas do helenismo, teve seu início por Antístenes e Diógenes, esse último, o mais famoso por sua irreverência que, conta-se em anécdotas, pediu para que o Imperador Alexandre, o Grande, saísse de sua frente pois estava tapando a luz do sol em seu descanso. Diógenes acreditava numa vida simples, sem bens materiais e autosuficiente, por esse motivo, a *autarquia* é um princípio norteador, apesar de declarar que entendê-la como virtude já seria uma convenção, e o cinismo é contra qualquer convenção.

Ceticismo - Ceticismo: a dúvida sobre as coisas do mundo é um dos principais preceitos do ceticismo. Principais filósofos: Pirro de Élis, Arcesilau e Carnéades.

Fundada por Pirro, tem a *Epoché*, ou suspensão de juízo, como principal virtude a ser exercida para alcançar a liberdade dos distúrbios. O ceticismo se caracteriza como a prática do olhar à distância, da observação e examinação, aceitando que nenhuma certeza pode ser formulada acerca da verdade das coisas.

CONTEÚDO INTERATIVO

- pODcAST filosófico-

O estoicismo:

<https://nova-acropole.org.br/blog-saiba-mais/podcast/podcast-a-moral-estoica-por-excelencia/>

O pensamento de Epicuro:



Exercícios Propostos

01- (UEM 2013) “Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo, portanto, quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera.”

Epicuro, Carta sobre a felicidade [a Meneceu]. São Paulo: ed. Unesp, 2002, p. 27. In: COTRIM, G. *Fundamentos da Filosofia*. SP: Saraiva, 2006, p. 97).

A partir do trecho citado, é **correto** afirmar que

- 01) a morte, por ser um estado de ausência de sensação, não é nem boa, nem má.
- 02) a vida deve ser considerada em função da morte certa.
- 04) o tolo não espera a morte, mas vive apoiado nas suas sensações e nos seus prazeres.
- 08) a certeza da morte torna a vida terrível.
- 16) a espera da morte é um sofrimento tolo para aquele que a espera.

S= _____

02-(ENEM 2014) Alguns dos desejos são naturais e necessários; outros, naturais e não necessários; outros, nem naturais nem necessários, mas nascidos de vã opinião. Os desejos que não nos trazem dor se não satisfeitos não são necessários, mas o seu impulso pode ser facilmente desfeito, quando é difícil obter sua satisfação ou parecem geradores de dano.

EPICURO DE SAMOS. “Doutrinas principais”. In: SANSON, V. F. *Textos de filosofia*. Rio de Janeiro: Eduff, 1974



No fragmento da obra filosófica de Epicuro, o homem tem como fim

- A) alcançar o prazer moderado e a felicidade.
- B) valorizar os deveres e as obrigações sociais.
- C) aceitar o sofrimento e o rigorismo da vida com resignação.
- D) refletir sobre os valores e as normas dadas pela divindade.
- E) defender a indiferença e a impossibilidade de se atingir o saber.

03-(UFSM 2013) A economia verde contém os seguintes princípios para o consumo ético de produtos: a matéria-prima dos produtos deve ser proveniente de fontes limpas e não deve haver desperdício dos produtos. O Estado, entretanto, não impõe, até o presente momento, sanções àqueles cidadãos que não seguem esses princípios.

Considere as seguintes afirmações:

- I- Esses princípios são juízos de fato.
- II-Esses princípios são, atualmente, uma questão de moralidade, mas não de legalidade.
- III. A ética epicurista, a exemplo da economia verde, propõe uma vida mais moderada.

Está(ão) correta(s)

- A) apenas I.
- B) apenas I e
- C) apenas III.
- D) apenas II e III.
- E) I, II e III.

04- (ENEM 2016) Pírron afirmava que nada é nobre nem vergonhoso, justo ou injusto; e que, da mesma maneira, nada existe do ponto de vista da verdade; que os homens agem apenas segundo a lei e o costume, nada sendo mais isto do que aquilo. Ele levou uma vida de acordo com esta doutrina, nada procurando evitar e não se desviando do que quer que fosse, suportando tudo, carroças, por exemplo, precipícios, cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos.

LAÉRCIO, D. *Vidas e sentenças dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora UnB, 1988.

O ceticismo, conforme sugerido no texto, caracteriza-se por:





- A) Desprezar quaisquer convenções e obrigações da sociedade.
- B) Attingir o verdadeiro prazer como o princípio e o fim da vida feliz.
- C) Defender a indiferença e a impossibilidade de obter alguma certeza.
- D) Aceitar o determinismo e ocupar-se com a esperança transcendente.
- E) Agir de forma virtuosa e sábia a fim de enaltecer o homem bom e belo.

05- (MOD.ENEM) Todas as coisas são diferenciações de uma mesma coisa e são a mesma coisa. E isto é evidente. Porque se as coisas que são agora neste mundo – terra, água, ar e fogo e as outras coisas que se manifestam neste mundo –, se alguma destas coisas fosse diferente de qualquer outra, diferente em sua natureza própria e se não permanecesse a mesma coisa em suas muitas mudanças e diferenciações, então não poderiam as coisas, de nenhuma maneira, misturar-se umas às outras, nem fazer bem ou mal umas às outras, nem a planta poderia brotar da terra, nem um animal ou qualquer outra coisa vir à existência, se todas as coisas não fossem compostas de modo a serem as mesmas. Todas as coisas nascem, através de diferenciações, de uma mesma coisa, ora em uma forma, ora em outra, retomando sempre a mesma coisa.

DIÓGENES. In: BORNHEIM, G. A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1967.

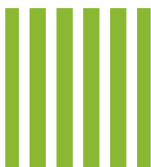
O texto descreve argumentos dos primeiros pensadores, denominados pré-socráticos. Para eles, a principal preocupação filosófica era de ordem

- A) cosmológica, propondo uma explicação racional do mundo fundamentada nos elementos da natureza.
- B) política, discutindo as formas de organização da pólis ao estabelecer as regras da democracia.
- C) ética, desenvolvendo uma filosofia dos valores virtuosos que tem a felicidade como o bem maior.
- D) estética, procurando investigar a aparência dos entes sensíveis.
- E) hermenêutica, construindo uma explicação unívoca da realidade.

06- (UFSJ 2011) Sobre o ceticismo, é **CORRETO** afirmar que

- A) os cétricos buscaram uma mediação entre “o ser” e o “poder-ser”.
- B) o ceticismo relativo tem no subjetivismo e no relativismo doutrinas manifestamente apoiadas em seu princípio maior: toda interatividade possível.



- 
- C) Protágoras (séc. V a.C.), relativista, afirmou que “o Homem só entende a natureza porque o conhecimento emana dela e nela se instala”.
- D) Górgias (485-380 a.C.) e Pirro (365-275 a.C.) são apontados como possíveis fundadores do ceticismo.

Helenismo

Exercícios

1. Epicuro exerceu enorme influência sobre Diógenes de Enoanda (Turquia), que, inclusive, chegou a inscrever o tetrapharmakon de Epicuro em umas rochas em local visível para que todos os que por lá passassem, independente da raça, sexo ou condição social, pudessem ler e se inspirar nele. Analise as proposições a seguir como Verdadeiras ou Falsas, considerando a sabedoria ética de Epicuro.

I - Não há nada a temer quanto aos deuses.

II - Não devemos temer a morte.

III - A felicidade é possível.

IV - Podemos escapar da dor.

Sobre o tetrapharmakon de Epicuro é CORRETO afirmar que:

- a) Somente as proposições I, II e IV são verdadeiras.
- b) Somente as proposições I, III e IV são verdadeiras.
- c) Somente as proposições I e IV são verdadeiras.
- d) Somente as proposições II e IV são verdadeiras.
- e) Todas as proposições são verdadeiras.

2. Leia o trecho da Carta a Meneceu.

"Nenhum jovem deve demorar a filosofar, e nenhum velho deve parar de filosofar, pois nunca é cedo demais nem tarde demais para a saúde da alma. Afirmar que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou é a mesma coisa que dizer que a hora ainda não chegou ou já passou; devemos, portanto, filosofar na juventude e na velhice para que enquanto envelhecemos continuemos a ser jovens nas boas coisas mediante a agradável recordação do passado, e para que ainda jovens sejamos ao mesmo tempo velhos, graças ao destemor diante do porvir. Devemos então meditar sobre tudo..." (Epicuro Carta de Epicuro a Menoíceus). Para Epicuro, como se expressa na Carta a Meneceu, o objetivo da filosofia é:

- a) A felicidade do homem.
- b) A imparcialidade diante das decisões tomadas pelos homens.



- c) A areté própria do homem.
- d) O gozo imoderado dos prazeres mundanos.
- e) Estabelecer, refutar e defender argumentos tirados da bíblia.

3 – (Instituto Pró-Município – 2009 – Ceará) – O período helenístico caracterizou-se por um processo de interação cultural entre a cultura grega clássica e a cultura dos povos orientais conquistados. Neste período destacaram-se duas novas escolas filosóficas: o estoicismo e o hedonismo. Nesse contexto, os estóicos defendiam:

- a) Que o ser humano devia buscar o prazer da vida;
- b) Que o prazer estava vinculado ao bem;
- c) Um espírito de completa austeridade moral e física;
- d) A realização de uma conduta virtuosa;
- e) O domínio das paixões.

4. (Enem 2016) Pirro afirmava que nada é nobre nem vergonhoso, justo ou injusto; e que, da mesma maneira, nada existe do ponto de vista da verdade; que os homens agem apenas segundo a lei e o costume, nada sendo mais isto do que aquilo. Ele levou uma vida de acordo com esta doutrina, nada procurando evitar e não se desviando do que quer que fosse, suportando tudo, carroças, por exemplo, precipícios, cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos.

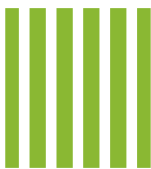
LAÉRCIO, D. Vidas e sentenças dos filósofos ilustres. Brasília: Editora UnB, 1988.

O ceticismo, conforme sugerido no texto, caracteriza-se por:

- a) Desprezar quaisquer convenções e obrigações da sociedade.
- b) Atingir o verdadeiro prazer como o princípio e o fim da vida feliz.
- c) Defender a indiferença e a impossibilidade de obter alguma certeza.
- d) Aceitar o determinismo e ocupar-se com a esperança transcendente.
- e) Agir de forma virtuosa e sábia a fim de enaltecer o homem bom e belo.

5. (Unisc 2012) Nas suas Meditações, o filósofo estoico Marco Aurélio escreveu:





“Na vida de um homem, sua duração é um ponto, sua essência, um fluxo, seus sentidos, um turbilhão, todo o seu corpo, algo pronto a apodrecer, sua alma, inquietude, seu destino, obscuro, e sua fama, duvidosa. Em resumo, tudo o que é relativo ao corpo é como o fluxo de um rio, e, quanto á alma, sonhos e fluidos, a vida é uma luta, uma breve estadia numa terra estranha, e a reputação, esquecimento. O que pode, portanto, ter o poder de guiar nossos passos? Somente uma única coisa: a Filosofia. Ela consiste em abster-nos de contrariar e ofender o espírito divino que habita em nós, em transcender o prazer e a dor, não fazer nada sem propósito, evitar a falsidade e a dissimulação, não depender das ações dos outros, aceitar o que acontece, pois tudo provém de uma mesma fonte e, sobretudo, aguardar a morte com calma e resignação, pois ela nada mais é que a dissolução dos elementos pelos quais são formados todos os seres vivos. Se não há nada de terrível para esses elementos em sua contínua transformação, por que, então, temer as mudanças e a dissolução do todo?”

Considere as seguintes afirmativas sobre esse texto:

- I. Marco Aurélio nos diz que a morte é um grande mal.
- II. Segundo Marco Aurélio, devemos buscar a fama, a riqueza e o prazer.
- III. Segundo Marco Aurélio, conseguindo fama, podemos transcender a finitude da vida humana.
- IV. Para Marco Aurélio, a filosofia é valiosa porque nos permite compreender que a morte é parte de um processo da natureza e assim evita que nos angustiemos por ela.
- V. Para Marco Aurélio, só a fé em Deus e em Cristo pode libertar o homem do temor da morte.
- VI. Para Marco Aurélio, o homem participa de uma realidade divina.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e V estão corretas.
- b) Somente as afirmativas I, II e III estão corretas.
- c) Somente as afirmativas IV e VI estão corretas.
- d) Todas as afirmativas estão corretas.
- e) Somente a afirmativa IV está correta.

6 – (ÉTICO Sistema de Ensino, 2015). O filósofo Diógenes de Sínope foi apelidado de “o Cão”. Esse apelido não representava somente sua postura diante da sociedade em que vivia, mas também o “espírito” da filosofia que aceitava como apropriada. São verdadeiras as seguintes afirmações sobre o cinismo:





- a) Seus membros faziam preleções ao ar livre, criticavam a inutilidade de todo discurso filosófico que procurava compreender a totalidade do cosmos e buscavam viver uma vida autêntica.
- b) Estudavam na Academia, discursavam em praças públicas e aceitavam a verdade derivada da razão especulativa.
- c) Eram autodidatas, aceitavam as verdades matemáticas e buscavam uma vida contemplativa.
- d) Suas teorias eram expostas somente para iniciados, aceitavam a autoridade vinda da religião e procuravam se envolver em projetos políticos.

Capítulo V: Patrística e Escolástica: a Filosofia Medieval através de Santo Agostinho e Tomás de Aquino.

Introdução

Na Idade Média, ocorreu um intenso sincretismo entre o conhecimento clássico e as crenças religiosas. De fato, uma das principais preocupações dos filósofos medievais foi a de fornecer argumentações racionais, espelhadas nas contribuições dos gregos, para justificar as chamadas verdades reveladas do cristianismo e do islamismo, tais como a da existência de Deus, a imortalidade da alma etc.

Nesse sentido, podemos chamar de Filosofia Medieval a filosofia que se desenvolveu na Europa durante a Idade Média (entre os séculos V e XV). Como este período foi marcado por grande influência da Igreja Católica nas diversas áreas do conhecimento, os temas religiosos predominaram no campo filosófico.

2- Características e principais questões debatidas e analisadas pelos filósofos medievais:

- Relação entre razão e fé;





- Existência e natureza de Deus;
- Fronteiras entre o conhecimento e a liberdade humana
- Individualização das substâncias divisíveis e indivisíveis.

3-Principais estágios da Filosofia Medieval Transição para o Mundo Cristão

3.1- Patrística (I d.C – VII d.C)

É um período que se caracteriza pelo resultado dos esforços dos apóstolos (João e Paulo) e dos primeiros Padres da Igreja para conciliar a nova religião com o pensamento filosófico mais corrente da época entre os gregos e os romanos. Não obstante, tomou como tarefa a defesa da fé cristã, frente as diversas críticas advindas de valores teóricos e morais dos “antigos”.

Os nomes mais salientes desse período são os de Justino Mártir, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Gregório de Nazianzo, Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa. Eles representam a primeira tentativa de harmonizar determinados princípios da Filosofia grega (particularmente do Epicurismo, do Estoicismo e do pensamento de Platão) com a doutrina cristã. (...). Eles não só estavam envolvidos com a tradição cultural helênica como também conviviam com filósofos estoicos, epicuristas, peripatéticos (sofistas), pitagóricos e neoplatônicos. E não só conviviam, como também foram educados nesse ambiente multiforme da Filosofia grega ainda antes de suas conversões.

3.2- Escolástica (século VIII/IX ao XIV)

Foi um movimento que pretendia usar os conhecimentos greco-romanos para entender e explicar a revelação religiosa do cristianismo. As ideias dos filósofos gregos Platão e Aristóteles adquirem grande importância nesta fase. Os teólogos e filósofos cristãos começam a se preocupar em provar a existência da alma humana e de Deus.

Para os filósofos escolásticos a Igreja possuía um importante papel de conduzir os seres humanos à salvação. No século XII, os conhecimentos passam a ser debatidos, armazenados e transmitidos de forma mais eficiente com o surgimento de várias universidades na Europa.

Principais representantes: Anselmo de Cantuária, Albertus Magnus, São Tomás de Aquino, John Duns Scotus e Guilherme de Ockham.





4-Algumas das Principais obras filosóficas da Idade Média

- *Cidade de Deus* (Santo Agostinho)- Confissões (Santo Agostinho)
- *Suma Teológica* (São Tomás de Aquino).



5-Santo Agostinho (354-430)

Aurelius Augustinus (Aurélio Agostinho), mais conhecido como **Santo Agostinho de Hipona**, foi o patrono da ordem religiosa agostiniana e um dos responsáveis pela concepção do **pensamento cristão medieval** e da **filosofia patrística**.

Foi também bispo, escritor, teólogo, filósofo, além, de ter testemunhado acontecimentos históricos de primeira ordem, tal como o fim da antiguidade clássica e a invasão de Roma pelos visigodos.

Agostinho é considerado ‘**Santo**’ tanto pela **Igreja Católica** quanto pela **Anglicana** e, mesmo para os protestantes e evangélicos, é referência na história eclesial com seus escritos e ditos. Portanto, foi canonizado e transformado em ‘**Doutor da Igreja**’, um título honorífico e extremamente raro, concebido pela Igreja Católica (apenas 35 Doutores). Suas obras são reeditadas até os dias atuais, das quais se destacam Confissões (*Confessiones*, 397), sua autobiografia; Da Trindade (*De Trinitate*, 400-416, 15 volumes), onde se dedica ao relato da divindade nas pessoas; e, Da cidade de Deus (*De Civitate Dei*, 413-426), sua obra mais conhecida, onde explica a cidade terrestre como uma imitação da cidade celeste.

5.1-Teologia e Filosofia de Santo Agostinho

De partida, devemos notar que Santo Agostinho foi influenciado pelo **maniqueísmo**, segundo o qual o mundo seria regido pelas ‘forças do bem e do mal’ (concepção de base platônica), bem como pelo neoplatonismo de Plotino (204 d.C - 240 d.C). Por outro lado, sua conversão deu-se graças à oratória do bispo de Milão, Santo Ambrósio, o qual o batizou e influenciou em seus discursos. Foi responsável por reforçar o conceito de ‘**pecado original**’ e desenvolver o conceito de Igreja como a cidade espiritual de Deus, distinta da cidade material dos homens.

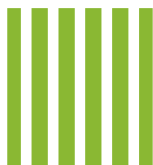




Também afirmou que a origem do mal estaria no **livre-arbítrio**, concedido por Deus, donde todo mal seria o resultado do livre afastamento do bem. Era também defensor da **predestinação divina**. Curiosamente, pregava que o caminho para a verdade estava na fé, contudo, seria a razão o melhor caminho para provar a validade das verdades.

Por fim, podemos destacar como influenciados por Santo Agostinho, o teólogo Tomás de Aquino (1225-1274), o qual fizera uma nova síntese do pensamento filosófico grego e cristão, e os teólogos João Calvino (1509-1564) e Cornelius Otto Jansenius (1585-1638), estes, em especial, quanto a teoria da predestinação.





(Fonte: O livro da Filosofia, Ed. Globo, p. 72)



5.2 Boécio

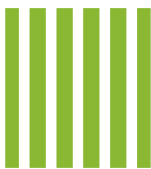
Severino Boécio (480-524) foi um filósofo da nobreza romana que teve importantes cargos na corte do Rei Teodorico (474-526), mas depois por falsas acusações foi condenado a morte. Boécio não se envolveu diretamente nas disputas teológicas de seu tempo e não se conclui que tenha sido realmente cristão, apesar de ter escrito livros envolvendo as temáticas do cristianismo.

Tinha como objetivo de vida traduzir para o latim todas as obras de Aristóteles, mas conseguiu apenas algumas e o *Isagogé* de Porfirio. As linhas principais de sua filosofia se encontram na sua obra *A Consolação da Filosofia*, escrita na prisão em Pavia. Foi também autor de alguns tratados teológicos, entre os quais *Sobre a Trindade* e algumas obras de caráter mais científico como *Sobre a Geometria*.

A filosofia de Boécio é de essencialmente de caráter helenista e neoplatônico. Ele afirma que Deus não pode ser determinado através de categorias aristotélicas e que se faz necessário partir da imperfeição do mundo sensível até chegar à existência de um Deus, ser perfeito. A *alma* é preexistente ao corpo, e pode se liberar do mundo corpóreo através da contemplação. A *felicidade* do homem não consiste nas coisas da terra, mas em Deus, e as *ações* boas ou más têm seus prêmios ou punições em si mesmas. Por fim, Boécio se ocupou também do difícil problema do *livre arbítrio* confrontando com a providência e o destino.



(Fonte: O livro da Filosofia, p. 74)



6- Tomás de Aquino (1225-1274)

São Tomás de Aquino, considerado o "Príncipe da Escolástica", foi um importante filósofo e padre italiano da Idade Média, intitulado Doutor da Igreja Católica, em 1567.

6.1- Filosofia de São Tomás de Aquino

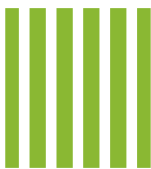
Inspirado nas ideias do filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), o trabalho de São Tomás de Aquino esteve pautado no realismo aristotélico, em detrimento dos seguidores de Santo Agostinho, inspirados no idealismo de Platão.

Por isso, Aquino foi um dos pensadores mais destacados desse período, defensor da filosofia escolástica, método cristão e filosófico, pautado na união entre a razão e a fé. Assim, Tomás de Aquino escreveu inúmeras obras, donde privilegiou a razão e a vontade humana formulando assim, um novo pensamento filosófico cristão.

Uma de suas ideias centrais é a rejeição do absoluto antagonismo entre a razão e a fé. Para Aquino, existiriam as “verdades da fé”, atingíveis apenas por meio da revelação cristã, às quais não poderemos chegar através da razão. Porém, nem todas as verdades seriam alcançadas desse modo, existindo também as “verdades naturais teológicas”. Sendo a razão obra de Deus, poderíamos alcançar essas verdades tanto pela fé como pela razão. A fé e a razão seriam, muitas vezes, rios que desembocam num mesmo oceano.

Em sua *Suma Teológica*, o filósofo apresenta cinco vias para demonstrar a existência de Deus, ancoradas na filosofia aristotélica:





1)O primeiro argumento, oriundo da Física de Aristóteles, crê que, se tudo que move é movido por algo, não pode ser admitida uma regressão ao infinito, devendo existir um primeiro motor. Deus, assim, é o Primeiro Motor.

2)O segundo argumento, oriundo da Metafísica de Aristóteles, defende a ideia de que, se perguntássemos a qualquer fenômeno do mundo sua causa e continuássemos sucessivamente perguntando as “causas de suas causas”, em todos os casos chegaríamos a Deus.

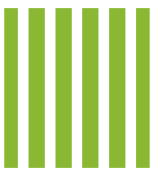
3)O terceiro argumento, baseado nas noções de necessidade e contingência de Aristóteles, acredita que, se tudo na natureza fosse contingente, passageiro, é preciso que algo do que existe seja perene. Deus é o primeiro ser, origem de toda necessidade.

4)O quarto argumento, inspirado na Metafísica de Aristóteles, pensa que, se todas as coisas na natureza têm uma qualidade, em maior ou menor grau (tamanho, força etc.), é preciso um parâmetro, a perfeição, que é Deus, portador de todos os atributos e qualidades em máximo grau.

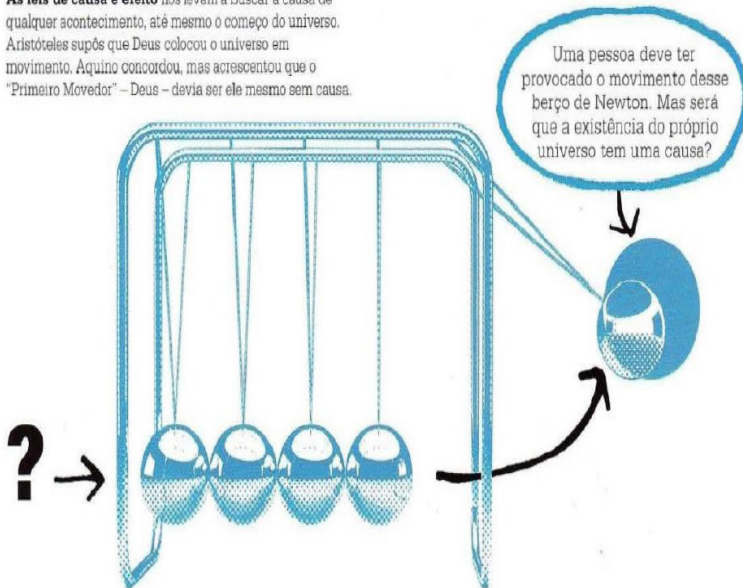
5)O quinto argumento pensa que se, como observa Aristóteles, a natureza possui um propósito, deve haver uma finalidade para toda a criação, caso contrário o universo não tenderia para o mesmo fim ou resultado. A causa inteligente do universo é Deus.

No campo da política, Santo Tomás de Aquino dividiu as leis em lei natural (visando a preservar a vida), lei positiva (estabelecida pelo homem, visando a preservar a sociedade) e lei divina (que conduz o homem à vida cristã e ao paraíso, guiando as outras leis). Para Aquino, como para Aristóteles, o homem é um animal social e político: a família é a primeira associação, e o Estado, sua ampliação e continuação. O Estado, assim, deve existir, desde que subordinado, no que diz respeito à religião e à moral, à Igreja, a qual visa ao bem eterno das almas. Essa foi a concepção dominante da Igreja Católica, que seria depois combatida por Maquiavel.





As leis de causa e efeito nos levam a buscar a causa de qualquer acontecimento, até mesmo o começo do universo. Aristóteles supôs que Deus colocou o universo em movimento. Aquino concordou, mas acrescentou que o "Primeiro Mover" – Deus – devia ser ele mesmo sem causa.



(Fonte: O livro da filosofia, Ed. Globo, p. 91-94)





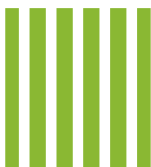
6.2 Guilherme de Ockham

Guilherme de Ockham (1295-1349) nasceu na Inglaterra e entrou ainda jovem na ordem franciscana. Estudou em Oxford onde recebeu influência das ideias de Roger Bacon e em menor grau de Duns Scoto. Por toda a sua vida conduziu suas ideias combatendo o papado e a escolástica. Defendia as teses do rei da França e de outros imperadores contrários à corte pontifícia, afirmando principalmente a independência do estado em relação à Igreja, e ainda a supremacia do poder leigo em relação aquele eclesiástico. Dentre suas principais obras estão *Comentários as sentenças de Pedro lombardo* e *Suma Lógica*. Os principais temas de sua filosofia são:

Fe e razão. Tendo na base de seu pensamento o empirismo Ockham faz uma clara separação entre fé e razão. Sustenta que não se pode dar nenhuma demonstração racional dos problemas da transcendência, pois estes superam os limites da experiência humana, portanto a fé não pode encontrar nenhuma sustentação na razão. Por sua vez, a fé regulada pelo dogma tem toda liberdade no campo sobrenatural; a razão regulada apenas pela intuição sensível tem plena liberdade no campo da experiência. Com esta separação absoluta, com esta impossibilidade de ligação entre fé e razão, Ockham decreta o desmantelamento de todo pensamento escolástico, que defendia chegar às verdades da fé através da especulação filosófica.

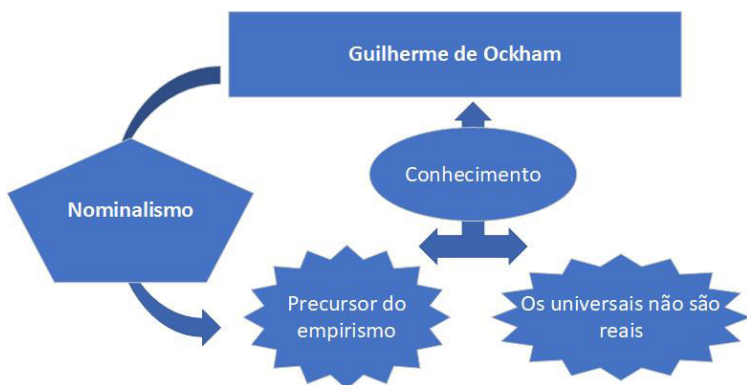
A lógica. Na base da lógica e de todo pensamento de Ockham existe uma informação metodológica fundamental conhecida como a *navalha de Ockham* (*entia non sunt multiplicandapraeter necessitatem*), ou seja, “as coisas não devem ser multiplicadas sem necessidades”. Por isso Ockham rejeita a multiplicidade das formas e afirma que cada substancia é numericamente una e singular. Para ele existe apenas o individual, pois os universais não têm nenhuma realidade objetiva. Os universais são somente nomes ou termos através dos quais nosso intelecto recolhe várias entidades individuais, que apresentam afinidades entre si. Por isso, sua filosofia ficou conhecida também como nominalismo.

Sobre o conhecimento. Partindo das ideias de Duns Scotus, Ockham afirma que existem duas formas de conhecimento: o conhecimento intuitivo e o abstrato. *O conhecimento intuitivo* parte da intuição sensível que se põe em direto contato com a realidade individual permitindo dizer se uma coisa existe ou não e quais são suas características e qualidades. Esse conhecimento é evidentemente experimental e serve de base para o fundamento do conhecimento científico que, porém não pode ser universal e necessário. *O conhecimento abstrato* que é puro conhecimento conceitual de sinais e nomes prescinde da existência das coisas.



A teologia. A solução de Ockham ao problema do conhecimento o leva coerentemente a afirmar que não é possível demonstrar rigorosamente a existência de Deus. Também não é possível conhecer nenhum dos atributos de Deus e do mundo fora dos sentidos, pois não temos experiência direta. Conclui ele que durante a vida devemos ter fé, conhecer Deus só depois da morte. Sobre a alma é impossível demonstrar sua imortalidade e até mesmo sua existência. Fora das especulações filosóficas Ockham afirma que Deus é absoluta onipotência e infinita liberdade, que cria diretamente às coisas individuais, sem atuar alguma ideia ou essência universal, mas movido apenas por amor.

A física. Ockham afirma a recíproca autonomia da fé e da ciência, abrindo caminho para a liberdade das pesquisas sobre a natureza. Suas pesquisas principalmente no campo da física o fizeram abandonar as teorias aristotélicas e a superá-las em muitos pontos.

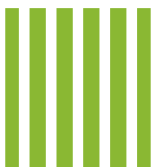


CONTEÚDO INTERATIVO

- pODcAST filosófico-

A filosofia medieval





<https://soundcloud.com/editoradanubio/podcast-editora-danubio-07-filosofia-medieval-uma-introducao>

O pensamento de Santo Agostinho

<https://open.spotify.com/show/6jjJ9pa7Y6Us6jn9oTEr3M>

Exercícios Propostos

01-(Uff 2012) A grande contribuição de Tomás de Aquino para a vida intelectual foi a de valorizar a inteligência humana e sua capacidade de alcançar a verdade por meio da razão natural, inclusive a respeito de certas questões da religião. Discorrendo sobre a “possibilidade de descobrir a verdade divina”, ele diz que há duas modalidades de verdade acerca de Deus. A primeira refere-se a verdades da revelação que a razão humana não consegue alcançar, por exemplo, entender como é possível Deus ser uno e trino. A segunda modalidade é composta de verdades que a razão pode atingir, por exemplo, que Deus existe. A partir dessa citação, indique a afirmativa que melhor expressa o pensamento de Tomás de Aquino.

- A) A fé é o único meio do ser humano chegar à verdade.
- B) O ser humano só alcança o conhecimento graças à revelação da verdade que Deus lhe concede.
- C) Mesmo limitada, a razão humana é capaz de alcançar certas verdades por seus meios naturais.
- D) A Filosofia é capaz de alcançar todas as verdades acerca de Deus.
- E) Deus é um ser absolutamente misterioso e o ser humano nada pode conhecer d’Ele.

02- (UNCISAL 2011) Uma das preocupações de certa escola filosófica consistiu em provar que as ideias platônicas ou os gêneros e espécies aristotélicos são substâncias reais, criadas pelo intelecto e vontade de Deus, existindo na mente divina. Reflexões dessa natureza foram realizadas majoritariamente no período da história da filosofia:



- A) Pré-socrático.
- B) Antigo.
- C) Medieval.
- D) Moderno.
- E) Contemporâneo.

03- (UFU 2010) A filosofia de Agostinho (354 – 430) é estreitamente devedora do platonismo cristão milanês: foi nas traduções de Mário Vitorino que leu os textos de Plotino e de Porfírio, cujo espiritualismo devia aproximá-lo do cristianismo. Ouvindo sermões de Ambrósio, influenciados por Plotino, que Agostinho venceu suas últimas resistências (de tornar-se cristão).

PEPIN, Jean. Santo Agostinho e a patrística ocidental. In: CHÂTELET, François (org.) *A Filosofia medieval*. Rio de Janeiro Zahar Editores: 1983, p.77.

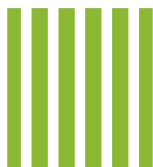
Apesar de ter sido influenciado pela filosofia de Platão, por meio dos escritos de Plotino, o pensamento de Agostinho apresenta muitas diferenças se comparado ao pensamento de Platão.

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, uma dessas diferenças:

- a) Para Agostinho, é possível ao ser humano obter o conhecimento verdadeiro, enquanto, para Platão, a verdade a respeito do mundo é inacessível ao ser humano.
- b) Para Platão, a verdadeira realidade encontra-se no mundo das Ideias, enquanto para Agostinho não existe nenhuma realidade além do mundo natural em que vivemos.
- c) Para Agostinho, a alma é imortal, enquanto para Platão a alma não é imortal, já que é apenas a forma do corpo.
- d) Para Platão, o conhecimento é, na verdade, reminiscência, a alma reconhece as Ideias que ela contemplou antes de nascer; Agostinho diz que o conhecimento é resultado da Iluminação divina, a centelha de Deus que existe em cada um.

04- (UNCISAL 2012) A filosofia de Santo Agostinho é essencialmente uma fusão das concepções cristãs com o pensamento platônico. Subordinando a razão à fé, Agostinho de Hipona afirma existirem verdades superiores e inferiores, sendo as primeiras compreendidas a partir da ação de Deus. Como





se chama a teoria agostiniana que afirma ser a ação de Deus que leva o homem a atingir as verdades superiores?

- A) Teoria da Predestinação.
- B) Teoria da Providência.
- C) Teoria Dualista.
- D) Teoria da Emanação.
- E) Teoria da Iluminação.

05-(UFU 2013) Com efeito, existem a respeito de Deus verdades que ultrapassam totalmente as capacidades da razão humana. Uma delas é, por exemplo, que Deus é trino e uno. Ao contrário, existem verdades que podem ser atingidas pela razão: por exemplo, que Deus existe, que há um só Deus etc.

AQUINO, Tomás de. *Súmula contra os Gentios. Capítulo Terceiro: A possibilidade de descobrir a verdade divina*. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 61.

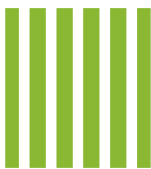
Para São Tomás de Aquino, a existência de Deus se prova

- a) por meios metafísicos, resultantes de investigação intelectual.
- b) por meio do movimento que existe no Universo, na medida em que todo movimento deve ter causa exterior ao ser que está em movimento.
- c) apenas pela fé, a razão é mero instrumento acessório e dispensável.
- d) apenas como exercício retórico.

06- (ENEM 2015) Ora, em todas as coisas ordenadas a algum fim, é preciso haver algum dirigente, pelo qual se atinja diretamente o devido fim. Com efeito, um navio, que se move para diversos lados pelo impulso dos ventos contrários, não chegaria ao fim de destino, se por indústria do piloto não fosse dirigido ao porto; ora, tem o homem um fim, para o qual se ordenam toda a sua vida e ação. Acontece, porém, agirem os homens de modos diversos em vista do fim, o que a própria diversidade dos esforços e ações humanas comprova. Portanto, precisa o homem de um dirigente para o fim.

AQUINO, T. *Do reino ou do governo dos homens: ao rei do Chipre. Escritos políticos de São Tomás de Aquino*. Petrópolis: Vozes, 1995 (adaptado).

No trecho citado, Tomás de Aquino justifica a monarquia como o regime de governo capaz de:



- a) reprimir os movimentos religiosos contestatórios.
- b) promover a atuação da sociedade civil na vida política.
- c) unir a sociedade tendo em vista a realização do bem comum.
- d) reformar a religião por meio do retorno à tradição helenística.
- e) dissociar a relação política entre os poderes temporal e espiritual.

07- (UFU 2011) Segundo o texto abaixo, de Agostinho de Hipona (354-430 d. C.), Deus cria todas as coisas a partir de modelos imutáveis e eternos, que são as ideias divinas. Essas ideias ou razões seminais, como também são chamadas, não existem em um mundo à parte, independentes de Deus, mas residem na própria mente do Criador,

[...] a mesma sabedoria divina, por quem foram criadas todas as coisas, conhecia aquelas primeiras, divinas, imutáveis e eternas razões de todas as coisas, antes de serem criadas [...].

Sobre o Gênesis, V

Considerando as informações acima, é correto afirmar que se pode perceber:

- A) que Agostinho modifica certas ideias do cristianismo a fim de que este seja concordante com a filosofia de Platão, que ele considerava a verdadeira.
- B) uma crítica radical à filosofia platônica, pois esta é contraditória com a fé cristã.
- C) a influência da filosofia platônica sobre Agostinho, mas esta é modificada a fim de concordar com a doutrina cristã.
- D) uma crítica violenta de Agostinho contra a filosofia em geral.

08- (UFU 2004) Considere o trecho abaixo.

“Quando, pois, se trata das coisas que percebemos pela mente (...). estamos falando ainda em coisas que vemos como presentes naquela luz interior da verdade, pela qual é iluminado e de que frui o homem interior.

Santo Agostinho. *Do Mestre*. São Paulo: Abril Cultural. 1973. p. 320. (Os Pensadores

Segundo o pensamento de Santo Agostinho, as verdades contidas na filosofia pagã provêm de que fonte? Assinale a alternativa correta.

- A) De fonte diferente de onde emanam as verdades cristãs, pois há oposição entre as verdades pagãs e as verdades cristãs.





- B) Da mesma fonte de onde emanam as verdades cristãs, pois não há oposição entre as verdades pagãs e cristãs.
- C) De Platão, por ter chegado a conceber a ideia Suprema do Bem.
- D) De Aristóteles, por ter concebido o Ser Supremo como primeiro motor imóvel.

09-(MOD.ENEM) Enquanto o pensamento de Santo Agostinho representa o desenvolvimento de uma filosofia cristã inspirada em Platão, o pensamento de São Tomás reabilita a filosofia de Aristóteles – até então vista sob suspeita pela Igreja –, mostrando ser possível desenvolver uma leitura de Aristóteles compatível com a doutrina cristã. O aristotelismo de São Tomás abriu caminho para o estudo da obra aristotélica e para a legitimação do interesse pelas ciências naturais, um dos principais motivos do interesse por Aristóteles nesse período.

MARCONDES, D. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

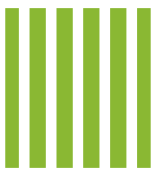
A Igreja Católica por muito tempo impediu a divulgação da obra de Aristóteles pelo fato de a obra aristotélica

- A) valorizar a investigação científica, contrariando certos dogmas religiosos.
- B) declarar a inexistência de Deus, colocando em dúvida toda a moral religiosa.
- C) criticar a Igreja Católica, instigando a criação de outras instituições religiosas.
- D) evocar pensamentos de religiões orientais, minando a expansão do cristianismo.
- E) contribuir para o desenvolvimento de sentimentos antirreligiosos, seguindo sua teoria política.

10-(UFU 2002) Agostinho formula sua teoria do conhecimento a partir da máxima “creio tudo o que entendo, mas nem tudo que creio conheço”. A posição do autor não impede que cada um busque a sabedoria com suas próprias forças; o que ainda não é conhecido pode ser revelado mediante a consulta da verdade interior. Com base neste argumento, assinale a alternativa correta.

- A) É incorreto afirmar que a verdade interior que soa no íntimo das pessoas seja o Cristo; e o arbítrio humano é consultado sobre o que não se conhece.
- B) As coisas que ainda não conhecemos só podem ser percebidas pelos sentidos do corpo e podem ser comunicadas facilmente por intermédio das palavras.





C) A verdade interior está à disposição de cada um e encontra-se armazenada na memória, de modo que o uso da memória dispensa a contemplação da luz interior.

D) A verdade interior só pode ser percebida pelo homem interior, que é iluminado pela luz desta verdade interior, que é contemplada por cada um.

Exercícios De Revisão

01- **(IFRS-2010)** A filosofia ocidental teve início com os pensadores anteriores a Sócrates, por isso chamados de pré-socráticos, dos quais a maioria viveu em colônias gregas distantes de Atenas; destes pensadores pode-se dizer que:

A) Com os pré-socráticos a filosofia se constitui numa ciência particular e não mais no estudo da realidade total.

B) A mitologia tradicional grega fazia parte das suas doutrinas.

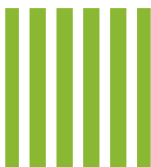
C) Pitágoras e os seus discípulos dedicaram-se ao estudo da política e recusara a interferência da matemática no estudo da cosmologia.

D) Heráclito defendeu a ideia de permanência substancial e constante do ser, contra a noção de devir.

E) Os naturalistas, ou fisiólogos da Jônia, dedicavam-se sobretudo ao estudo do cosmo, e muitos deles buscavam o princípio constitutivo do mundo em algum de seus elementos: ar, água, terra, ou fogo.

02-**(UEL-2012)**“Tales foi o iniciador da filosofia da *physis*, pois foi o primeiro a afirmar a existência de um princípio originário único, causa de todas as coisas que existem, sustentando que esse princípio é a água. Essa proposta é importantíssima... podendo com boa dose de razão ser qualificada como a primeira proposta filosófica daquilo que se costuma chamar civilização ocidental.”

REALE, Giovanni. *História da filosofia: Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: Paulus, 1990. p. 29.



A filosofia surgiu na Grécia, no século VI a.C. Seus primeiros filósofos foram os chamados pré-socráticos. De acordo com o texto, assinale a alternativa que expressa o principal problema por eles investigado.

- A) A ética, enquanto investigação racional do agir humano.
- B) A estética, enquanto estudo sobre o belo na arte.
- C) A epistemologia, como avaliação dos procedimentos científicos.
- D) A cosmologia, como investigação acerca da origem e da ordem do mundo.
- E) A filosofia política, enquanto análise do Estado e sua legislação.

03- **(ENEM-2012)** Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de conhecimento é um objeto de razão e não de sensação, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente.

ZINGANO, M. *Platão e Aristóteles: o fascínio da filosofia*. São Paulo: Odysseus, 2012 (adaptado).

O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427 a.C.-346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?

- A) Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.
- B) Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.
- C) Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.
- D) Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.
- E) Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.

04- **(IJA-2016)** As lendas sempre foram alicerces para os povos antigos. Os gregos, por exemplo, tributavam suas origens aos heróis, aos deuses. Essas explicações lendárias:

- A) Representam histórias criadas a partir da realidade de um povo, justificando uma condição ou ação dos homens.
- B) Sempre se basearam em acontecimentos reais.
- C) Confirmaram que as civilizações em sua origem, não possuem vínculos com seu passado lendário.



D) Tem por fundamento o ideal religioso, sem nenhum interesse com a vida em sociedade.

E) São apenas formas artísticas ou literárias que dependem dos interesses e vida da sociedade, sem explicação racional.

05- (ENEM-2013) A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados como na inscrição existente em Delfos “das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos”. Todos estes atributos estão presentes nas mais excelentes atividades, e entre essas a melhor, nós a identificamos como felicidade.

ARISTOTELES. *A Política*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

Ao reconhecer na felicidade a reunião dos mais excelentes atributos, Aristóteles a identifica com

A) busca por bens materiais e títulos de nobreza.

B) plenitude espiritual e ascese pessoal.

C) finalidade das ações e condutas humanas.

D) conhecimento de verdades imutáveis e perfeitas.

E) expressão do sucesso individual e reconhecimento público.

06-(UFU-2013) A atividade intelectual que se instalou na Grécia a partir do séc. VI a.C. está substancialmente ancorada num exercício especulativo-racional. De fato, “[...] não é mais uma atividade mítica (porquanto o mito ainda lhe serve), mas filosófica; e isso quer dizer uma atividade regrada a partir de um comportamento epistêmico de tipo próprio: empírico e racional”.

SPINELLI, Miguel. *Filósofos Pré-socráticos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 32.

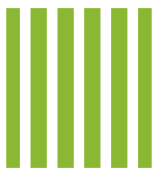
Sobre a passagem da atividade mítica para a filosófica, na Grécia, assinale a alternativa correta.

A) A mentalidade pré-filosófica grega é expressão típica de um intelecto primitivo, próprio de sociedades selvagens.

B) A filosofia racionalizou o mito, mantendo-o como base da sua especulação teórica e adotando a sua metodologia.

C) A narrativa mítico-religiosa representa um meio importante de difusão e manutenção de um saber prático fundamental para a vida cotidiana.





D) A *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero são expressões culturais típicas de uma mentalidade filosófica elaborada, crítica e radical, baseada no logos.

E) Não há exemplos de filósofos que trabalham o discurso mítico em seus sistemas.

07- **(IJA-2015)** Apesar de apresentar uma nova concepção para a época, a filosofia escolástica não será promotora de um distanciamento das questões religiosas e, muito menos, se afastou das mesmas. Nesse contexto, observe as afirmativas abaixo:

I – A Escolástica reconhece o valor positivo do livre-arbítrio do homem.

II– A Escolástica defende o papel central que a Igreja teria na definição dos caminhos e atitudes que poderiam levar o homem à salvação.

III—Os escolásticos evitaram o combate às heresias e não preservaram as funções primordiais da Igreja.

IV – A Escolástica evitou entrar em polêmica com os cientistas da época.

Estão corretas, segundo o texto consultado:

A) Somente II e III.

B) Somente I e II.

C) Somente III e IV.

D) Somente I e III.

E) Somente II e IV.

08-**(IFRS-2010)** Agostinho de Hipona (**354-430**), mais conhecido como Santo Agostinho, foi, no Ocidente, a primeira e principal referência para a criação de uma filosofia com temática cristã, ou de uma filosofia que fundamente racionalmente a fé cristã. Dele é possível afirmar ainda que:

A) Inspirou-se completamente na filosófica clássica grega e romana, sem modificar tais doutrinas.

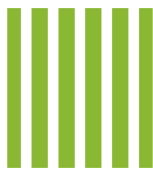
B) Na doutrina da iluminação Agostinho defende que é possível alcançar as verdades divinas pelo mero esforço das luzes da mente humana.

C) A relação entre fé e razão mostra-se também na relação de submissão da ordem religiosa à ordem política.

D) Ao dizer “creio para entender” Agostinho está colocando a vontade como diretriz da inteligência, a fim de orientar a razão na busca da verdade.

E) Na busca da verdade Agostinho sempre quis ser antes de mais nada um filósofo, não um teólogo.





09-(ENEM-1999) ” (...) de modo particular, quero encorajar os crentes empenhados no campo da filosofia para que iluminem os diversos âmbitos da atividade humana, graças ao exercício de uma razão que se toma mais segura e perspicaz com o apoio que recebe da fé."

Papa João Paulo II. *Carta Encíclica Fides et Ratio aos bispos da Igreja católica sobre as relações entre fé e razão*, 1998.

“As verdades da razão natural não contradizem as verdades da fé cristã.” (São Tomás de Aquino – pensador medieval)

Refletindo sobre os textos, pode-se concluir que:

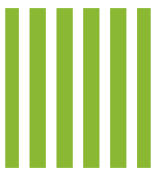
- A) a encíclica papal está em contradição com o pensamento de Santo Tomás de Aquino, refletindo a diferença de épocas.
- B) a encíclica papal procura complementar Santo Tomás de Aquino, pois este colocava a razão natural acima da fé.
- C) a Igreja medieval valorizava a razão mais do que a encíclica de João Paulo II.
- D) o pensamento teológico teve sua importância na Idade Média, mas, em nossos dias, não tem relação com o pensamento filosófico.
- E) tanto a encíclica papal como a frase de Santo Tomás de Aquino procuram conciliar os pensamentos sobre fé e razão.

10- **(IJA-2015)** Santo Tomás de Aquino **(1225-1274)** demonstra a existência de Deus de cinco maneiras, que são conhecidas como cinco vias. Tais provas são encontradas em sua obra principal, *Suma Teológica*. Segundo o autor, as provas são:

1. Pelo movimento.
2. Pela causa eficiente.
3. Pelo contingente e pelo necessário.
4. Pelos graus da perfeição.
5. Pelo ontologia.
6. Pela finalidade do ser.
7. Pela contingência dos entes.

Os argumentos que pertencem à prova apresentada por São Tomás de Aquino são:



- 
- A) Apenas os argumentos 1,2,3,4 e 5.
 - B) Apenas os argumentos 1,2,3,5 e 6.
 - C) Apenas os argumentos 1,2,3,4 e 6.
 - D) Apenas os argumentos 2,3,4,5 e 6
 - E) Apenas os argumentos 3,4,5,6 e 7.

11-(**IJA**) Santo Agostinho foi um dos autores mais importantes para a formação da Doutrina Cristã. Na sua vasta obra procurou adaptar a concepção _____ aos princípios do cristianismo:

- A) Atomística.
- B) Platônica.
- C) Aristotélica
- .D) Epicurista.
- E) Pitagórica

12- (**IJA**) _____ foi um longa polémica travada entre os teólogos/filósofos medievais sobre a existência dos conceitos, que são usados para designar as coisas.

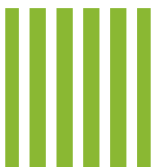
- A) A querela das investiduras.
- B) A disputa epistemológica.
- C) A questão dos universais.
- D) O debate do Entendimento.
- E) O princípio da predestinação.

Textos Complementares

TALES

1. ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 3. 983 b 6 (DK 11 A 12).

A MAIOR PARTE DOS primeiros filósofos considerava como os únicos princípios de todas as coisas os que são da natureza da matéria. Aquilo de que



todos os seres são constituídos, e de que primeiro são gerados e em que por fim se dissolvem, enquanto a substância subsiste mudando-se apenas as afecções, tal é, para eles, o elemento (stokheion), tal é o princípio dos seres; e por isso julgam que nada se gera nem se destrói, como se tal natureza subsistisse sempre... Pois deve haver uma natureza qualquer, ou mais do que uma, donde as outras coisas se engendram, mas continuando ela a mesma. Quanto ao número e à natureza destes princípios, nem todos dizem o mesmo. Tales, o fundador de tal filosofia, levado sem dúvida a esta concepção por ver que o alimento de todas as coisas é úmido, e que o próprio quente dele procede e dele vive (ora, aquilo de que as coisas vêm é, para todos, o seu princípio). Por tal observar adotou esta concepção, e pelo fato de as sementes de todas as coisas terem a natureza úmida; e a água é o princípio da natureza para as coisas úmidas. Alguns há que pensam que também os mais antigos, bem anteriores à nossa geração, e os primeiros a tratar dos deuses,⁴ teriam a respeito da natureza formado a mesma concepção. Pois consideram Oceano e Tétis os pais da geração e o juramento dos deuses a água, chamada pelos poetas de Estige; pois o mais venerável é o mais antigo; ora, o juramento é o mais venerável.

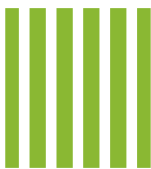
2. SIMPLÍCIO, Física, 23, 22 (DK 11 A 13).

Alguns dos que afirmam um só princípio de movimento — Aristóteles, propriamente, chama-os de físicos — consideram que ele é limitado; assim Tales de Mileto, filho de Examias, e Hipão, que parece ter sido ateu, afirmavam que água é o princípio, tendo sido levados a isto pelas (coisas) que lhes apareciam segundo a sensação; pois o quente vive com o úmido, as coisas mortas ressecam-se, as sementes de todas as coisas são úmidas e todo alimento é suculento. Donde é cada coisa, disto se alimenta naturalmente: água é o princípio da natureza úmida e é continente de todas as coisas; por isso supuseram que a água é princípio de tudo e afirmaram que a terra está deitada sobre ela. Os que supõem um só elemento afirmam-no ilimitado em extensão, como Tales diz da água.

3. ARISTÓTELES, Da Alma, 5, 422 a 7 (DK 11 A 22).

E afirmam alguns que ela (a alma) está misturada com o todo. É por isso que, talvez, também Tales pensou que todas as coisas estão cheias de deuses. Cf. Platão Leis, X, 899 B. Parece também que Tales, pelo que se conta, supôs que a 4 Em grego, theologésantas = tendo teologizado. (N. do E.) alma é algo que se move, se é que disse que a pedra (ímã) tem alma, porque move o ferro.





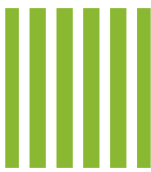
ANAXIMANDRO

1. SIMPLÍCIO, Física, 24, 13 (DK 12 A 9). DENTRE OS QUE AFIRMAM que há um só princípio, móvel e ilimitado, Anaximandro, filho de Praxiades, de Mileto, sucessor e discípulo de Tales, disse que o ápeiron (ilimitado) era o princípio e o elemento das coisas existentes. Foi o primeiro a introduzir o termo princípio. Diz que este não é a água nem algum dos chamados elementos, mas alguma natureza diferente, ilimitada, e dela nascem os céus e os mundos neles contidos: "Donde a geração...do tempo". (É o fragmento 1, p. 16.) Assim ele diz em termos acentuada-mente poéticos. É manifesto que, observando a transformação recíproca dos quatro elementos, não achou apropriado fixar um destes como substrato, mas algo diferente, fora estes. Não atribui então a geração ao elemento em mudança, mas à separação dos contrários por causa do eterno movimento. É por isso que Aristóteles o associou aos da escola de Anaxágoras. 150,24. Contrários são quente e frio, seco e úmido e outros. Cf. — Aristóteles, Física, I 4.187 a 20. Segundo uns, da unidade que os contém, procedem, por divisão, os contrários, como diz Anaximandro. Outros afirmam existir a unidade e multiplicidade dos seres, como Empédocles e Anaxágoras. Estes fazem proceder tudo da mistura por divisão.

ANAXÍMENES

1. SIMPLÍCIO, Física, 24, 26 (DK 13 A 5). ANAXÍMENES DE MILETO, filho de Eurístrates, companheiro de Anaximandro, afirma também que uma só é a natureza subjacente, e diz, como aquele, que é ilimitada, não porém indefinida, como aquele (diz), mas definida, dizendo que ela é ar. Diferencia-se nas substâncias, por rarefação e condensação. Rarefazendo-se, torna-se fogo; condesando-se, vento, depois nuvem, e ainda mais, água, depois terra, depois pedras, e as demais coisas (provêm) destas. Também ele faz eterno o movimento pelo qual se dá a transformação 22, 9. E preciso saber que uma coisa é o ilimitado e limitado em quantidade, o que era próprio dos que afirmavam serem muitos os princípios, e outra coisa é o ilimitado e limitado em grandeza, o que precisamente... se adapta ao caso de Anaximandro e Anaxímenes, que supõem o elemento único e ilimitado em grandeza. — Pois só a respeito deste (Anaxímenes) Teofrasto, na História, falou da rarefação e





condensação, mas é evidente que também os outros se serviam (das noções) de rarefação e condensação.

PARMÊNIDES

SOBRE A NATUREZA (DK 28 B 1-9)

1. SEXTO EMPÍRICO VII, 111 e ss. (versos 1-30), e SIMPLÍCIO, *Do Céu*, 557, 20 (vv. 28-32).

As éguas que me levam onde o coração pedisse conduziam-me, pois à via multifalante me impeliram da deusa, que por todas as cidades leva o homem que sabe; por esta eu era levado, por este, muito sagazes, me levaram as éguas o carro puxando, e as moças a viagem dirigiam. O eixo nos meões emitia som de sirena incandescendo (era movido por duplas, turbilhonantes rodas de ambos os lados), quando se apressavam a enviar-me as filhas do Sol, deixando as moradas da Noite, para a luz, das cabeças retirando com as mãos os véus. E lá que estão as portas aos caminhos de Noite e Dia. e as sustenta à parte uma verga e uma soleira de pedra, e elas etéreas enchem-se de grandes batentes; destes Justiça de muitas penas tem chaves alternantes. A esta, falando-lhe as jovens com brandas palavras, persuadiram habilmente a que a tranca aferrolhada depressa removesse das portas; e estas, dos batentes, um vão escancarado fizeram abrindo-se, os brônzeos umbrais nos gonzos alternadamente fazendo girar, em cavilhas e chavetas ajustados; por lá, pelas portas logo as moças pela estrada tinham carro e éguas. E a deusa me acolheu benévola, e na sua a minha mão direita tomou, e assim dizia e me interpelava: O jovem, companheiro de aurigas imortais, tu que assim conduzido chegas à nossa morada, salve! Pois não foi mau destino que te mandou perلustrar esta via (pois ela está fora da senda dos homens), mas lei divina e justiça; é preciso que de tudo te instruas, do âmago inabalável da verdade bem redonda, e de opiniões de mortais, em que não há fé verdadeira. No entanto também isto aprenderás, como as aparências deviam validamente ser, tudo por tudo atravessando.

2. PROCLO, *Comentário ao Timeu*, I, 345, 18.

Pois bem, eu te direi, e tu recebe a palavra que ouviste, os únicos caminhos de inquerito que são a pensar: o primeiro, que é e portanto que não é não ser, de Persuasão é o caminho (pois à verdade acompanha); o outro, que não é e



portanto que é preciso não ser, este então, eu te digo, é atalho de todo incrível; pois nem conhecerias o que não é (pois não é exequível), nem o dirias... 3.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA, Tapeçarias, VI, 23.

.....pois o mesmo é a pensar e portanto ser.

4. IDEM, *Ibidem*, V, 15. Mas olha embora ausentes à mente presentes firmemente; pois não deceparás o que é de aderir ao que é, nem dispersado em tudo totalmente pelo cosmo, nem concentrado...

5. PROCLO, *Comentário a Parmênides*, I, p. 708, 16.para mim é comum donde eu comece; pois aí de novo chegarei de volta.

6. SIMPLÍCIO, *Física*, 117, 2. Necessário é o dizer e pensar que (o) ente é; pois é ser, e nada não é; isto eu te mando considerar. Pois primeiro desta via de inquirido eu te afasto, mas depois daquela outra, em que mortais que nada sabem erram, duplas cabeças, pois o imediato em seus peitos dirige errante pensamento; e são levados como surdos e cegos, perplexas, indecisas massas, para os quais ser e não ser é reputado o mesmo e não o mesmo, e de tudo é reversível o caminho.

7-8. PLATÃO, *Sofista*, 237 A (versos 7,1-2); SEXTO EMPÍRICO, *Vil*, 114 (vv. 7, 3-6); SIMPLÍCIO, *Física*, 114, 29 (vv. 8, 1-52); IDEM, *ibidem*, 38, 28 (vv. 8, 50-61).

(7.) Não, impossível que isto prevaleça, ser (o) não ente. Tu porém desta via de inquirido afasta o pensamento; nem o hábito multiexperiente por esta via te force, exercer sem visão um olho, e ressoante um ouvido, e a língua, mas discerne em discurso controversa tese por mim exposta.

(8.) Só ainda (o) mito de (uma) via resta, que é; e sobre esta indícios existem, bem muitos, de que ingênito sendo é também imperecível, pois é todo inteiro, inabalável e sem fim; nem jamais era nem será, pois é agora todo junto, uno, contínuo; pois que geração procurarias dele? Por onde, donde crescido? Nem de não ente permitirei que digas e pense; pois não dizível nem pensável é que não é; que necessidade o teria impellido a depois ou antes, se do nada iniciado, nascer? Assim ou totalmente é necessário ser ou não. Nem jamais do que em certo modo é permitia força de fê nascer algo além dele; por isso nem nascer nem perecer deixou justiça, afrouxando amarras, mas mantém; e a decisão





sobre isto está no seguinte: é ou não é; está portanto decidido, como é necessário, uma via abandonar, impensável, inominável, pois verdadeira via não é, e sim a outra, de modo a se encontrar e ser real. E como depois pereceria o que é? Como poderia nascer? Pois se nasceu, não é, nem também se um dia é para ser. Assim geração é extinta e fora de inquérito perecimento. Nem divisível é, pois é todo idêntico; nem algo em uma parte mais, que o impedisse de conter-se, nem também algo menos, mas é todo cheio do que é, por isso é todo contínuo; pois ente a ente adere. Por outro lado, imóvel em limites de grandes liames é sem princípio e sem pausa, pois geração e perecimento bem longe afastaram-se, rechaçou-os fê verdadeira. O mesmo e no mesmo persistindo em si mesmo pausa. e assim firmado aí persiste; pois firme a Necessidade em liames (o) mantém, de limite que em volta o encerra, para ser lei que não sem termo seja o ente; pois é não carente; não sendo, de tudo careceria. O mesmo é pensar e em vista de que é pensamento. Pois não sem o que é, no qual é revelado em palavra, acharás o pensar; pois nem era ou é ou será outro fora do que é, pois Moira o encadeou a ser inteiro e imóvel; por isso tudo será nome quanto os mortais estatuíram, convictos de ser verdade, engendrar-se e perecer, ser e também não, e lugar cambiar e cor brilhante alternar. Então, pois limite é extremo, bem terminado é, de todo lado, semelhante a volume de esfera bem redonda, do centro equilibrado em tudo; pois ele nem algo maior nem algo menor é necessário ser aqui ou ali; pois nem não-ente é, que o impeça de chegar ao igual, nem é que fosse a partir do ente aqui mais e ali menos, pois é todo inviolado; pois a si de todo igual, igualmente em limites se encontra. Neste ponto encerro fidedigna palavra e pensamento sobre a verdade; e opiniões mortais a partir daqui aprende, a ordem enganadora de minhas palavras ouvindo. Pois duas formas estatuíram que suas sentenças nomeassem, das quais uma não se deve — no que estão errantes —; em contrários separaram o compacto e sinais puseram à parte um do outro, de um lado, etéreo fogo de chama, suave e muito leve, em tudo o mesmo que ele próprio mas não o mesmo que o outro; e aquilo em si mesmo (puseram) em contrário, noite sem brilho, compacto denso e pesado. A ordem do mundo, verossímil em todos os pontos, eu te revelo, para que nunca sentença de mortais te ultrapasse.

HERÁCLITO





1. DIÓGENES LAÉRCIO, IX, 1-17 (DK 22 A 1)

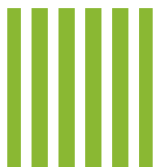
(1) HERÁCLITO, FILHO DE Blóson, ou, segundo outra tradição, de Heronte, era natural de Efeso. Tinha uns quarenta anos por ocasião da 69ª Olimpíada (504-501 a.C). Era homem de sentimentos elevados, orgulhoso e cheio de desprezo pelos outros, como transparece também em seu livro, onde diz: "Muita instrução... Hecateu" (é o fragmento 40. V. p. 83). "Pois uma só... de tudo" (é o fragmento 41. V. p. 83). "Homero... igualmente" (é o fragmento 42. V. p. 83).

(2) E dizia também: "A insolência... incêndio" (é o fragmento 43. V. p. 83), e "E preciso... muralhas" (é o fragmento 44. V. p. 83). Censura os efésios, na passagem em que diz: "Merecia... com outros" (é o fragmento 121. V. p. 90). Como lhe pedissem que elaborasse suas leis, desdenhou o pedido, porque já era a cidade dominada por mau regime político.

(3) Retirado no templo de Ártemis, divertia-se em jogar com as crianças e, acercando-se dele os efésios, perguntou-lhes: "De que vos admirais, perversos? Que é melhor: fazer isso ou administrar a República convosco?". E, por fim, tornado um misantropo e retirando-se, vivia nas montanhas, alimentando-se de ervas e plantas. E por isso, acometido de hidropisia, desceu à cidade e pôs-se a perguntar enigmaticamente aos médicos se podiam fazer de um aguaceiro uma seca; como eles não o compreendessem, foi enterrar-se num estábulo e esperou que a água fosse evaporada pelo calor do estrume. Nada conseguindo assim, fíndou a vida aos sessenta anos. (Segue Epigrama de D. Laércio.)

(4) Hermipo, porém, conta que ele perguntava aos médicos se alguém podia, esvaziando-lhe o ventre, expelir a água. Como negassem, deitou-se ao sol e pediu aos criados que o cobrissem com estéreo. Assim deitado, faleceu no dia seguinte e foi sepultado na praça pública. Neantes de Cizico afirma que, tendo sido impossível retirá-lo de sob o estéreo, lá permaneceu, e, irreconhecível pela putrefação, foi devorado pelos cães.

(5) Desde criança era alvo de admiração. Quando ainda jovem, dizia que não sabia nada; feito homem, declarou que sabia tudo. De ninguém aprendeu, mas, dizia, foi a si próprio que se procurou e tudo aprendeu de si mesmo. Socião, porém, afirma que, segundo uma tradição, teria sido ele ouvinte de Xenófanes; Aristão, em seu livro Sobre Heráclito, escreve que ele foi curado da hidropisia,



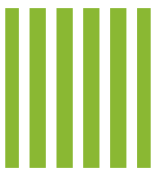
tendo falecido de outra enfermidade. O mesmo diz Hipóboto. O livro que lhe é atribuído é em geral Sobre a Natureza e se divide em três partes: Do Universo, Política e Teologia.

(6) Depositou-o no templo de Arte-mis, como asseveram alguns, e de propósito o escreveu obscuramente, para que só homens capazes pudessem abordá-lo e não fosse facilmente exposto ao desprezo público. Timão o caracterizou nestes termos; "Entre eles, com voz de cuco injuriando a turba, enigmático surgiu Heráclito". Teofrasto atribui à sua melancolia que partes da obra sejam imperfeitas e outras tenham contradições. Antístenes dá prova de sua nobreza de alma ao citar nas Sucessões que ele abdicou de um título real em favor de seu irmão. Tamanha reputação alcançou seu livro que se formaram adeptos seus e passaram a chamar-se heraclitianos.

(7) Eis, em linhas gerais, sua doutrina: tudo se compõe a partir do fogo e nele se resolve; tudo se origina segundo o destino e por direções contrárias se harmonizam os seres; tudo está cheio de almas e demônios. Discorreu também sobre as afecções que se articulam no mundo e afirmou que o sol é tão grande quanto parece. Dizia ainda: "Limites... ela tem" (é o fragmento 45. V. p. 83). "A presunção... engana" (é o fragmento 46. V. p. 83). Em seu livro por vezes é lúcido e seguro, a tal ponto que mesmo o de inteligência mais lenta aprende facilmente e sente impelida sua alma. A concisão e densidade de sua interpretação são incomparáveis.

(8) Os pontos particulares de sua doutrina são os seguintes: fogo é o elemento e "todas as coisas são permutas de fogo" (fragmento 90), originadas por rarefação e condensação; mas nada explica com clareza. Tudo se origina por oposição e tudo flui como um rio (cf. fragmentos 12, 91), e limitado é o todo e um só cosmo há; nasce ele de fogo e de novo é por fogo consumido, em períodos determinados, por toda a eternidade. E isto se processa segundo o destino. Dos contrários, o que leva a gênese chama-se guerra e discórdia (cf. fragmento 80), e o que leva a conflagração, concórdia e paz, e a mudança é um caminho para cima e para baixo, e segundo ela se origina o cosmo.

(9) Condensado o fogo se umidifica, e com mais consistência toma-se água, e esta, solidificando-se, passa a terra; e este é o caminho para baixo. Inversamente, a terra se derrete e se transforma em água, e desta se formam as outras coisas que ele refere quase todas à evaporação do mar, e este é o caminho para cima. E se produzem evaporações a partir da terra e do mar,



umas brilhantes e puras, e outras tenebrosas. E é aumentado o fogo pelas brilhantes e o úmido pelas outras. Mas, ao que envolve o mundo, não esclarece sua natureza; há nele barcos voltados em sua concavidade para nós, nos quais, recolhidas as evaporações brilhantes, formam-se chamas, que são os astros.

(10) A mais brilhante é a chama do sol, e a mais quente. Os demais astros distam mais da terra e é por isso que seu brilho é menos vivo e menos quente, mas a lua, que está bem próxima à terra, não é por isso, mas por não se encontrar num espaço puro. O sol, entretanto, está em região clara e pura e dista de nós num intervalo conveniente. É por isso que mais aquece e mais ilumina. Os eclipses do sol e da lua provêm de que as concavidades dos barcos se voltam para cima. As fases mensais da lua ocorrem quando o barco que a encerra se volta aos poucos. Dia e noite, meses e estações, anos, chuvas, ventos e fenômenos semelhantes procedem das diferentes evaporações.

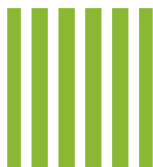
(11) Pois a brilhante evaporação inflamando-se no círculo do sol produz o dia, e quando a contrária prevalece produz a noite, e quando da evaporação brilhante nasce o calor faz verão, mas quando da sombra o úmido prevalece faz inverno. De modo análogo ele explica os demais fenômenos. Mas sobre a natureza da terra nada revela nem também sobre a dos barcos. E estas são as suas doutrinas. No que se refere a Sócrates e tendo o que ele teria dito quando chegou a conhecer o livro que lhe passou Eurípides, segundo diz Aristão, está contado por nós no livro sobre Sócrates.

(12) O gramático Seleuco, entretanto, afirma que certo Cróton escreveu no Mergulhador que foi um certo Crates quem primeiro introduziu na Grécia a obra de Heráclito. E ele teria afirmado que era preciso ser um mergulhador de Delos quem nele não se quisesse submergir. Alguns o intitulam As Musas, outros Sobre a Natureza. Diódoto o designa: "Um seguro leme para a conduta da vida". E outros o chamam Ciências dos Costumes e também Ordem Única da Direção de Todas as Coisas. Dizem que, tendo-lhe alguém perguntado "por que se calava", ele respondeu: "Para vocês poderem tagarelar". (...)

EMPÉDOCLES

PLATÃO, Leis, X, 889 b (DK 31 A 48). Que o fogo, a água, a terra e o ar são todos (produzidos) pela natureza e pelo acaso é o que dizem (os seguidores de





Empédocles), que nenhum deles o é pela arte, e que, depois disso então, os corpos da terra, do sol, da lua e dos astros se formaram desses elementos inteiramente privados de vida. (Estes primeiros elementos), levados ao acaso pela força própria de cada um deles, reuniram-se ajustando-se como convinha, o quente com o frio, o seco com o úmido, o mole com o duro, e tudo o que, mediante a mistura dos contrários, segundo o acaso, forçosamente se misturou junto; e o céu inteiro com todos os corpos celestes, os animais e todas as plantas, e todas as estações originadas dessa mistura, acharam-se formados desta maneira, e não — dizem eles — por uma inteligência, ou por uma divindade, ou por arte, mas, como o dissemos, pela natureza e pelo acaso.

DEMÓCRITO

1. SIMPLÍCIO, *Do Céu*, p. 294, 33 Heib. (DK 68 A 37). 1 OUÇAS NOTAS marginais da obra de Aristóteles *De Demócrito* mostrarão a opinião destes homens. Demócrito julga que a natureza das coisas eternas são pequenas substâncias infinitas em grande quantidade. Para estas admite um outro lugar infinito em grandeza. E chama o lugar com estes nomes de vazio, de nada, de infinito e cada uma das substâncias com os nomes de algo, de sólido e de ser. E julga que as substâncias são tão pequenas que fogem às nossas percepções. E lhes são inerentes formas de toda espécie, figuras de toda espécie, e diferenças em grandeza. Destas, pois, como de elementos, engendra e combina todos os volumes visíveis e perceptíveis. E estas se agitam e são arrebatadas no vazio por causa da semelhança e das outras diferenças mencionadas; e, arrebatadas, tombam-se e se enlaçam num entrelaçamento tal que faz com que elas se toquem e estejam próximas umas das outras, e todavia uma só natureza a partir delas verdadeiramente, e ele não engendra qualquer uma, pois é deveras ingênuo que o duplo ou o múltiplo se tomem um. E a causa de se coordenarem as substâncias umas com as outras até certo ponto, ele atribui aos ajustes e correspondências dos corpos. Pois alguns deles são oblíquos, outros em forma de anzol,ocos, curvos, e mais outros de inúmeras diferenças. Julga, portanto, que se mantêm a si mesmas e se coordenam até que alguma mais forte por uma necessidade surgindo do ambiente as agite e disperse. E afirma que a geração e a separação que lhe é contrária se processa não apenas com animais mas também com plantas, com mundos e, em suma, com todos os corpos sensíveis. Se, efetivamente, a geração é uma combinação dos átomos, a concepção é uma separação, e, conforme Demócrito, a geração seria uma alteração.





PITÁGORAS

LAÉRCIO, D. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres

(25) A mônada é o princípio de todas as coisas; da mônada nasce a díade indefinida, que serve de substrato material à mônada, sendo esta a causa; da mônada e da díade indefinida nascem os números; dos números nascem os pontos, destes nascem as linhas e destas as figuras planas; das figuras planas nascem as figuras sólidas; destas nascem os corpos perceptíveis pelos sentidos, cujos elementos são quatro: o fogo, a água, a terra e o ar. Esses elementos transmudam-se e transformam-se completamente uns nos outros, combinando-se para produzir um cosmos animado, inteligente, esférico, tendo em seu centro a terra, ela também esférica e habitada. (26) Existem também os antípodas, e nosso “em baixo” é seu “em cima”. No cosmos há luz e trevas em proporções iguais, e calor e frio, e seco, e úmido; quando prevalece o calor é o verão, quando prevalece o frio é o inverno; quando prevalece o seco é a primavera, e quando prevalece o úmido é o outono; se há equilíbrio entre o frio e o calor temos os períodos mais belos do ano, dos quais um é florido e salubre - a primavera-, e o outro, quando chega ao fim, é malsão - o outono. Uma parte do dia também floresce e é a aurora, e a outra decai e é a tarde, razão pela qual esta última é mais insalubre. O ar existente em volta da terra é imóvel e insalubre, e tudo que há nele é mortal; ao contrário, o ar altíssimo está em

movimento eterno, e é puro e salubre, e tudo que há nele é imortal e, portanto, divino.

PLATÃO

A República, Livro VII, Texto: A Alegoria da Caverna
(514a-517c)

Sócrates: Agora imagine a nossa natureza, segundo o grau de educação que ela recebeu ou não, de acordo com o quadro que vou fazer. Imagine, pois, homens que vivem em uma morada subterrânea em forma de caverna. A entrada se abre para a luz em toda a largura da fachada. Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja diante deles. A luz lhes vem de um fogo que queima por trás deles, ao longe, no alto. Entre os prisioneiros e o fogo, há um caminho que sobe. Imagine que esse caminho é cortado por um pequeno muro,



semelhante ao tapume que os exibidores de marionetes dispõem entre eles e o público, acima do qual manobram as marionetes e apresentam o espetáculo.

Glauco: Entendo

Sócrates: Então, ao longo desse pequeno muro, imagine homens que carregam todo o tipo de objetos fabricados, ultrapassando a altura do muro; estátuas de homens, figuras de animais, de pedra, madeira ou qualquer outro material. Provavelmente, entre os carregadores que desfilam ao longo do muro, alguns falam, outros se calam.

Glauco: Estranha descrição e estranhos prisioneiros!

Sócrates: Eles são semelhantes a nós. Primeiro, você pensa que, na situação deles, eles tenham visto algo mais do que as sombras de si mesmos e dos vizinhos que o fogo projeta na parede da caverna à sua frente?

Glauco: Como isso seria possível, se durante toda a vida eles estão condenados a ficar com a cabeça imóvel?

Sócrates: Não acontece o mesmo com os objetos que desfilam?

Glauco: É claro.

Sócrates: Então, se eles pudessem conversar, não acha que, nomeando as sombras que vêem, pensariam nomear seres reais?

Glauco: Evidentemente.

Sócrates: E se, além disso, houvesse um eco vindo da parede diante deles, quando um dos que passam ao longo do pequeno muro falasse, não acha que eles tomariam essa voz pela da sombra que desfila à sua frente?

Glauco: Sim, por Zeus.

Sócrates: Assim sendo, os homens que estão nessas condições não poderiam considerar nada como verdadeiro, a não ser as sombras dos objetos fabricados.

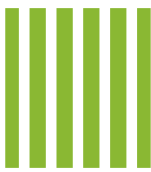
Glauco: Não poderia ser de outra forma.

Sócrates: Veja agora o que aconteceria se eles fossem libertados de suas correntes e curados de sua desrazão. Tudo não aconteceria naturalmente como vou dizer? Se um desses homens fosse solto, forçado subitamente a levantar-se, a virar a cabeça, a andar, a olhar para o lado da luz, todos esses movimentos o fariam sofrer; ele ficaria ofuscado e não poderia distinguir os objetos, dos quais via apenas as sombras anteriormente. Na sua opinião, o que ele poderia responder se lhe dissessem que, antes, ele só via coisas sem consistência, que agora ele está mais perto da realidade, voltado para objetos mais reais, e que está vendo melhor? O que ele responderia se lhe designassem cada um dos objetos que desfilam, obrigando-o com perguntas, a dizer o que são? Não acha que ele ficaria embaraçado e que as sombras que ele via antes lhe pareceriam mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora?

Glauco: Certamente, elas lhe pareceriam mais verdadeiras.

Sócrates: E se o fossem a olhar para a própria luz, não achas que os olhos lhe doeriam, que ele viraria as costas e voltaria para as coisas que pode olhar





e que as consideraria verdadeiramente mais nítidas do que as coisas que lhe mostram?

Glauco: Sem dúvida alguma.

Sócrates: E se o tirarem de lá à força, se o fizessem subir o íngreme caminho montanhoso, se não o largassem até arrastá-lo para a luz do sol, ele não sofreria e se irritaria ao ser assim empurrado para fora? E, chegando à luz, com os olhos ofuscados pelo brilho, não seria capaz de ver nenhum desses objetos, que nós afirmamos agora serem verdadeiros.

Glauco: Ele não poderá vê-los, pelo menos nos primeiros momentos.

Sócrates: É preciso que ele se habitue, para que possa ver as coisas do alto. Primeiro, ele distinguirá mais facilmente as sombras, depois, as imagens dos homens e dos outros objetos refletidas na água, depois os próprios objetos. Em segundo lugar, durante a noite, ele poderá contemplar as constelações e o próprio céu, e voltar o olhar para a luz dos astros e da lua mais facilmente que durante o dia para o sol e para a luz do sol.

Glauco: Sem dúvida.

Sócrates: Finalmente, ele poderá contemplar o sol, não o seu reflexo nas águas ou em outra superfície lisa, mas o próprio sol, no lugar do sol, o sol tal como é.

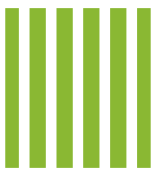
ARISTÓTELES

ARISTÓTELES. Metafísica 1048 a, 30ss.

(...) não se pode exigir a definição de tudo. Ademais, definições devem ser conseguidas mediante analogias. (...) O ato é, para a potência, aquilo que o edifício é para o saber edificar, o estar desperto para o dormir, o ver para o não-ver, mesmo tendo a vista, o objeto feito de matéria e bem trabalhado para a matéria bruta. Ao primeiro desses binômios aplica-se o conceito de ato; ao segundo, o de potência. Logo, o ato é a presença de alguma coisa não em potência, isto não como ao dizermos que a estátua de Mercúrio está presente na madeira, ou que numa coisa inteira está a metade que se pode separar dela, ou quando dizemos que alguém é sábio, embora não esteja especulando, o modo oposto de existir, incluído em todos os exemplos referidos.

ARISTÓTELES. Metafísica 983 a , 26 e 32.

Causa se diz em quatro sentidos. No primeiro sentido, causa é a substância e a essência (ousía, tó ti estí einai); em outro sentido é a matéria ou substrato (yle; ypokeímenon); em terceiro lugar, é a causa eficiente (arché tes kinéseos),



isto é, aquela da qual tem início o movimento; finalmente, contraposta à eficiência, a causa pela qual e graças à qual (τὸ ἢ ἐνεκα) se realiza o movimento (o bem é o fim de toda mudança e de toda transformação).

EPICURO

Carta a Meneceu

(...) Em primeiro lugar, considerando a divindade como um ente imortal e bem-aventurado, como sugere a percepção comum de divindade, não atribuas a ela nada que seja incompatível com a sua imortalidade, nem inadequado à sua bem-aventurança; pensa a respeito dela tudo que for capaz de conservar-lhe felicidade e imortalidade.

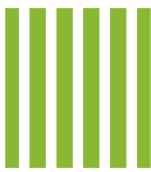
Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que têm dos deuses, ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. Irmanados pelas suas próprias virtudes, eles só aceitam a convivência com os seus semelhantes e consideram estranho tudo que seja diferente deles.

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade.

Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo portanto quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado.

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte,





portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida. (...)

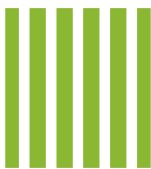
ZENÃO

LAÉRCIO, D. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres

(39) Os estóicos dividem a filosofia em três partes: física, ética e lógica. Essa divisão aparece pela primeira vez no livro Sobre a Lógica, de Zênon, depois em Crisipos no primeiro livro Sobre a Lógica e no primeiro livro Sobre a Física, e ainda em Apolôdoros e Silos no primeiro livro de suas Introduções à Doutrina, em Eudromos na Exposição dos Princípios Elementares da Ética, e em Diôgenes da Babilônia e em Poseidônios. (...)

(40) Os estóicos comparam a filosofia a um ser vivo, onde os ossos e os nervos correspondem à lógica, as partes carnosas à ética e a alma à física. Ou então comparam-na a um ovo: a casca à lógica, a parte seguinte (a clara) à ética, e a parte central (a gema) à física. Ou a comparam ainda a um campo fértil: a cerca externa é a lógica, os frutos são a ética, e o solo ou as árvores são a física. Ou comparam-na a uma cidade bem amuralhada e racionalmente administrada. E nenhuma parte é separada das outras, como dizem alguns estóicos, mas ao contrário todas estão estreitamente unidas entre si.

(42) Esses filósofos servem-se dos cânones para descobrir a verdade, porque no curso dessa descoberta explicam as diferentes espécies de percepções que possuímos. Analogamente servem-se das definições para reconhecer a verdade, porque a realidade é apreendida por meio de conceitos. Definem a retórica como sendo a ciência de falar bem sobre assuntos clara e unitariamente expostos, e a dialética como sendo a ciência de discutir corretamente sobre assuntos mediante perguntas e respostas. Por isso dão ainda outra definição: a ciência do que é verdadeiro e do que é falso, e do que não é nem verdadeiro nem falso.



A retórica, dizem eles, divide-se em três partes: deliberativa, forense e encomiástica.

(43) A retórica compõe-se dos seguintes elementos: invenção dos argumentos, sua expressão em palavras, sua disposição e representação. O discurso retórico é constituído das seguintes partes: o proêmio, a narração dos fatos, a refutação da parte contrária e o epílogo.

A dialética abrange dois campos: um deles é a coisa significada, e o outro é a expressão ou palavra. O campo das coisas significadas compreende de um lado a doutrina de sua apresentação e do outro a doutrina de seus elementos constituintes, as proposições enunciadas (independentes ou simples predicados), e termos similares ativos ou passivos, gêneros e espécies, e também palavras, tópicos, silogismos e sofismas determinados pela linguagem ou pelo assunto.

(44) As várias espécies de sofismas são: o mentiroso, o verdadeiro, o negativo, o sorites e similares (defectivo, insolúvel ou conclusivo), o velado, o cornudo, o “ninguém” e o ceifador.

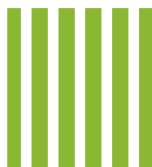
Dissemos há pouco que o outro campo particular da dialética é o da própria linguagem. Essa doutrina se ocupa da palavra representada por letras, estuda as partes do discurso e trata do solecismo, do barbarismo, da dicção poética, das anfíbolias, da eufonia e da música, e segundo alguns autores até das definições, das divisões e do estilo.

PIRRO

LAÉRCIO, D. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres

(61) Pírron de Élis era filho de Plêistarcos, de acordo com o relato de Dioclés. Segundo o testemunho de Apolôdoros em sua Crônica, dedicou-se inicialmente à pintura e foi discípulo de Bríson, filho de Stílpon, como atesta Aléxandros na Sucessão dos Filósofos. Depois seguiu Anáxarcos e o acompanhou a toda parte em suas viagens, tendo tido assim a oportunidade de conviver com os ginosofistas na Índia, e com os magos. Essa convivência





estimulou-lhe consideravelmente as convicções filosóficas e parece que o levou ao caminho mais nobre da filosofia, pois Pírron introduziu e adotou os princípios do agnosticismo⁶⁹⁹ e da suspensão do juízo, como diz Ascânios de Ábdera. Pírron afirmava que nada é honroso ou vergonhoso, nada é justo ou injusto, e aplicava igualmente a todas as coisas o princípio de que nada existe realmente, sustentando que todos os atos humanos são determinados pelos hábitos e pelas convenções, pois cada coisa não é mais isto que aquilo.

(62) Sua vida foi coerente com sua doutrina: o filósofo não saía de seu caminho por coisa alguma e não tomava qualquer precaução; ao contrário, mostrava-se indiferente em face de todos os perigos que se lhe deparavam, fossem eles carros, precipícios ou cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos. Mas, de acordo com o testemunho de Antígonos de Caristos, eram os amigos, seus acompanhantes habituais, que o salvavam dos perigos. Ainesídemos, entretanto, afirma que na filosofia Pírron aplicava o princípio da suspensão do juízo, porém na vida cotidiana não lhe faltava a precaução. Pírron viveu até os noventa anos.

Em sua obra *Sobre Pírron*, Antígonos de Caristos narra que a princípio o filósofo viveu ignorado, sendo pobre e dedicando-se à pintura, e que no ginásio atlético de Élis conservam-se algumas figuras portando archotes pintadas por ele, obra medíocre.

(63) Pírron abstraía-se do mundo e procurava a solidão tranqüila, aparecendo raramente a seus familiares. Comportava-se assim por ter ouvido um indiano censurar Anáxarcos, dizendo-lhe que jamais poderia ensinar alguém a ser melhor, porquanto ele mesmo freqüentava os palácios reais e cortejava os reis. Pírron mantinha sempre a compostura, de tal maneira que, mesmo quando alguém o deixava no meio do discurso, ele terminava o que tinha a dizer embora fosse a única pessoa restante, apesar de na juventude haver sido inquieto. Freqüentemente - acrescenta a mesma fonte - saía de casa sem prevenir ninguém, e andava sem rumo com qualquer pessoa que encontrasse. Quando em certa ocasião Anáxarcos caiu num pântano, Pírron continuou a caminhar sem o ajudar. Alguém lhe reprovou o comportamento, porém o próprio Anáxarcos louvou-lhe a indiferença e impassibilidade.

DIÓGENES





LAÉRCIO, D. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres

(39) Diôgenes deu a seguinte resposta a alguém que sustentava que não existe o movimento: levantou-se e começou a caminhar. A outra pessoa que dissertava sobre os fenômenos celestes Diôgenes perguntou: “Há quantos dias chegaste do céu?” Um eunuco de mau caráter havia escrito na porta de sua casa: “Não entre aqui nenhum mal.” Diôgenes comentou: “E por onde entra o dono da casa?”

Enquanto friccionava os pés com unguento dizia que da testa o unguento vai para o ar, mas dos pés ia para suas narinas. Os atenienses instavam-no a iniciar-se nos

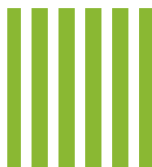
mistérios, argumentando que os iniciados conseguem lugares privilegiados o Hades; Diôgenes então disse: “Seria ridículo se Agesílaos e Epamênondas morassem no lodo, enquanto certas pessoas sem o mínimo valor fossem morar nas ilhas dos bem-aventurados.”

(40) Vendo ratos subirem à sua mesa, disse: “Vede! Até Diôgenes sustenta parasitas!” Quando Platão o chamou de cão ele replicou: “É verdade, pois volto sempre a quem me vendeu.” À saída dos banhos públicos alguém lhe perguntou se havia muitos homens banhando-se, e sua resposta foi: “Não”; perguntando-lhe outra

pessoa se havia muita gente, a resposta foi: “Sim.” Platão definira o homem como um animal bípede, sem asas, e recebeu aplausos; Diôgenes depenou um galo e o levou ao local das aulas, exclamando: “Eis o homem de Platão!” Em consequência desse incidente acrescentou-se à definição: “tendo unhas chatas”. A alguém que lhe perguntou a que horas devia almoçar, sua resposta foi: “Se fores rico, quando quiseres; se fores pobre, quando puderes.”

AGOSTINHO

“Não vás para fora de ti; retorna a ti mesmo. A verdade habita no homem interior. E se descobrires que tua natureza é mutável, transcende também a ti mesmo. Mas, lembra-te, quando transcendes a ti mesmo, transcendes a alma racional. Tende, portanto, para onde se acende a própria luz da razão. Aonde chega, com efeito, todo aquele que bem raciocina, senão a verdade? Isso porque a verdade não alcança a si mesma com o raciocínio, mas é aquilo que tendem aqueles que raciocinam. Vê aí uma harmonia que não tem igual, e liga-te a ela. Reconhece que não és aquilo que ela é; justamente porque não procura a si mesma; ao contrário, chegaste a ela procurando-a, não de um lugar para outro, mas com o apaixonado movimento da mente, a fim de que o homem



interior se ligue àquilo que nele habita com um prazer não ínfimo e carnal, mas sumo e espiritual”. (De vera Religione, 39, 72).

" Mas que são trevas, senão ausência da luz? De fato, se então existisse, onde estaria a luz senão sobre a terra, para iluminá-la? Mas como a luz ainda não existia, o que era a presença das trevas, senão a ausência da luz? As trevas reinavam sobre o abismo porque a luz não existia, do mesmo modo que onde não há ruído reina o silêncio. E que significa reinar o silêncio, senão falta de som? Não ensinaste, Senhor, à alma que a ti se confessa? Não me ensinaste, Senhor, que antes de receber de ti forma e figura esta matéria informe, não existia nada, nem cor, nem figura, nem corpo, nem espírito? Não era um nada absoluto, mas massa informe, sem nenhuma aparência.” (Confissões III, 3).

TOMÁS DE AQUINO

“Há em todo homem um desejo natural de conhecer as causas daquilo que percebe. É, portanto, em consequência da admiração sentida em face dos objetos, mas cujas causas lhe permanece escondidas, que o homem se põe a filosofar. Uma vez descobertas as causas, seu espírito se tranquiliza. Mas a busca não cessa até que tenha chegado a primeira causa, porque só quando esta é conhecida é que o homem julga conhecer de maneira perfeita” (Suma contra os Gentios III, c. 25).

“o que existe em algo que não pertence à sua essência tem de ser causado ou pelos princípios da essência [...] ou por algo exterior [...]. Portanto, se o próprio ser de uma coisa é distinto de sua essência, é necessário que este ser seja causado ou por algo exterior ou pelos princípios essenciais dessa coisa. É impossível, no entanto, que o ser seja causado apenas pelos princípios essenciais da coisa; [...] É preciso, pois, que o que tem o seu ser distinto de sua essência, o tenha causado por um outro. Ora, não se pode dizer isso de Deus, porque dizemos que Ele é a causa eficiente primeira. Logo, é impossível que em Deus uma coisa seja o ser e outra a essência. (TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica I, q.3, a.4).





Vídeos recomendados

Introdução à Filosofia

O mundo de Sofia

<https://gloria.tv/post/gv16EhEdsiuQ3vkJNdTiRBhZl>

Pré-Socráticos

Cosmos (Carl Sagan) - A Espinha Dorsal da Noite

<https://www.youtube.com/watch?v=Xux9gXNuOfg>

Sócrates e Platão

Sócrates – O filme de Roberto Rossellini

<https://www.youtube.com/watch?v=5TaaT30L8yg>

Aristóteles

Programa Globo Ciência

<https://www.youtube.com/watch?v=yXchf0hwZlQ>

Helenismo

Sêneca e a Raiva - Alain de Botton

https://www.youtube.com/watch?v=If0_xu1_JgI

Epicuro e a Felicidade - Alain de Botton

<https://www.youtube.com/watch?v=KFYr2jvTm98>

Diógenes, o cínico: a divertida história de um despretençioso socialista

<https://www.youtube.com/watch?v=fD3gUPI2Ltw>

Ceticismo

Merlí: Temporada 1 - Capítulo 10

<https://www.dailymotion.com/video/x6ozagk>

Filosofia Medieval

Nome da Rosa



<https://www.youtube.com/watch?v=uqL7gn13JoQ>

Documentário: Vida Medieval

<https://www.youtube.com/watch?v=Eu-CWNAa6IU>

Filme: Cruzadas

<https://www.youtube.com/watch?v=ADAWkyDLKBc>

Série: Templários. temporadas 1 e 2

<https://www.youtube.com/watch?v=Lc-7QXXnutY>

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO DE HIPONA. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S. J. Introdução de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

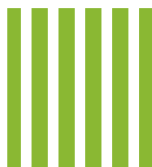
_____. **A verdadeira religião/De vera religione**. Edição bilingue português/latim, Tradução de Paula Oliveira e Silva e Manuel Ramos, Introdução e notas de Paula Oliveira e Silva. Edições Afrontamento, Porto, 2012.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.

AUTORES DIVERSOS. **O Livro da Filosofia**. Trad. de Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Editora Globo, 2011.

BORNHEIM, G.A. **Os filósofos pré-socráticos**. 13a ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

DIÔGENES LAÊRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Trad. do grego, introdução e notas de Mario da Gama Kury. 2a ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1977.



KIRK, G.S., RAVEN, J. E., SCHOFIELD, M. **Os Filósofos Pré-socráticos: História Crítica com Seleção de Textos**. Trad. de Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

PLATÃO. **A república**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1993.

SOUZA, José Cavalcante de (Org.). **Os Pré-Socráticos: Fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Col. “Os Pensadores”, v. I).

VERNANT, J.-P. **Mito e Pensamento entre os Gregos: Estudos de Psicologia Histórica**. Trad. de Haiganuch Sarian. São Paulo: Difusão Européia do Livro / Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

TOMÁS DE AQUINO, S. **Suma Teológica**. Trad. Carlos- Josaphat Pinto de Oliveira. Tomo I-IX. São Paulo: Edições Loyola, 2001-2006.

_____. **Suma Contra os gentios**. Trad. de D. Odilão Moura, Ed. bilíngue. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1990-96, 2 v.

Glossário

Apatia = indiferença, para os cétricos e os estoicos, estado de insensibilidade emocional;

Apeíron = indeterminado, a palavra vem de peirós, poros, ou seja, aquilo que não tem poros ou saída;

Arché = o princípio elemental do cosmos;

Ataraxia = serenidade, para os pensadores cétricos, epicuristas e estoicos, completa ausência de perturbações ou inquietações da mente.;

Autarquia = autosuficiência, independência;

Cronologia = estudo da ordem do tempo;

Doxa = opinião, crença comum e popular;

Episteme = conhecimento verdadeiro;

Epoché = oposição ao dogmatismo como uma verdade inquestionável, epoiché é colocar entre parênteses, interromper, nada negar nem nada afirmar;

Escopo = alvo ou ponto de partida do pensar;

Especulativo = vem de especulo, espelho, reflexão abstrata;

Ethos = hábito, costume, uso;





Hilozoísmo = hilè, matéria, substância;
Inatismo = conhecimento inerente e natural do ser humano;
Physis = natureza enquanto desabrochar;
Plasma = um tipo de estado semi-gasoso e semi-acquoso;
Práxis = união dialética entre teoria e prática;
Pólis = cidade-estado grega;
Pneuma = espírito, sopro/ar ou força animadora;
maniqueísmo = dualismo sincrético difundido por Maniqueu que tem raízes no zoroastrismo Persa;
Metempscose = transmigração das almas;
γεννώω = gennãō verbo aquilo que engendra a maturação;
γενός= gennós substantivo, o fenômeno do criado;
μυθεύω= mytheyô a narrativa do ponto de vista do objeto;
μθεω= mytheô a narrativa do ponto de vista do sujeito;

